

HYPERDRIVEZINE

Magazine de Ficção Científica

Volume 1 – Número 2 – Verão 2004 – Distribuição gratuita

Marçal

Ventura

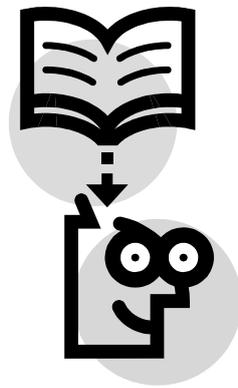
Figueiredo



HYPERDRIVEZINE

Magazine de Ficção Científica

Volume 1, Número 2, Verão 2004



HYPERDRIVEZINE



Este fanzine é gratuito. A venda é proibida.

HYPERDRIVEZINE

Magazine de Ficção Científica

Volume 1, Número 2, Verão 2004

Índice

<i>Editorial</i>	5
<i>Bonecas Russas</i>	7
<i>A Decadência da Colmeia</i>	9
<i>Os Vórtices das Trevas</i>	22
<i>Colecção Argonauta</i>	39

Editor: Ricardo Loureiro

Colaboradores: João Ventura; Telmo Marçal; Alberto Figueiredo

Hyperdrivezone – Magazine de Ficção Científica, Volume 1, n.º 2, Verão 2004. Publicado trimestralmente. Distribuição gratuita.

Todos os direitos reservados. O conteúdo desta publicação não pode ser reproduzido no todo ou em parte sem o expreso consentimento do editor. Os autores dos artigos, ensaios, críticas, ilustrações ou ficção são os legítimos proprietários dos respectivos direitos de autor. Todo o restante conteúdo é *copyright* de Ricardo Loureiro.

E-mail: <mailto:hyperdrivezone@yahoo.com>

Web: <http://hyperdrivezone.dyndns.org/>

Editorial

Em Portugal existe um tipo de mentalidade que sempre me deixou algo perplexo. Tem a ver com a percepção de qualidade que as pessoas têm das coisas. Vem isto a propósito das reacções ao facto deste fanzine ser gratuito. Uma das reacções referia que “não há almoços de graça”, provavelmente uma ideia vinda da leitura do livro de Rodney Carroll e Gary Karton. Esta expressão contém no seu âmago a suposição de que *tem de existir um Artigo 22* algures. A haver *Artigo 22* será o de tentar ter um veículo onde os escritores possam encontrar um lugar para darem a conhecer os seus talentos. Ou será o de, por amor à camisola, querer prestar um serviço, mesmo que ínfimo, à FC de expressão lusófona? Alas, os tempos cínicos em que se vivem não são de feição a acreditar em actos altruísticos e espera-se sempre que, mais tarde ou mais cedo, eu peça o número de cartão de crédito.

Espero portanto que os caros leitores não se arrependam de ter adquirido este exemplar, e que o desfrutem sem medo de apanharem algures o temido *Artigo 22*.

E o que vos trago neste segundo número?

A abrir está um conto de João Ventura, que já anteriormente colaborou para o Hyperdrive com o conto **Operação (Muito) Especial**. O Hyperdrive foi um sítio na internet que, de certa forma, constituiu a plataforma de arranque para o actual fanzine. Em **Bonecas Russas**, Ventura inspirou-se nas matrioskas para nos oferecer uma visão de um outro tipo de clonagem, digamos que artística. Outro autor vindo do Hyperdrive é Telmo Marçal do qual talvez alguns leitores se lembrem do conto, **O Teu Amigo Robot**. Em **A Decadência da Colmeia** voltamos a encontrar a estranha e surpreendente escrita de Marçal num conto que nos força a lê-lo sem parar de forma a decifrar-mos o enigma. Por fim e a encerrar a secção de ficção temos Alberto Figueiredo que se estreia na publicação com **Os Vórtices das Trevas**. Uma bizarra viagem a outra dimensão do espaço-tempo onde somos confrontados com as opções que devemos seguir.

Dada a extensão do presente número, não me foi possível incluir a segunda parte da paródia **O Império do Planeta Laranja**, embora fique já prometido um número especial a sair muito brevemente onde virá publicada a conclusão da noveleta.

Termina este número com a apresentação duma lista dos livros publicados na colecção Argonauta da editora Livros do Brasil.

Os leitores mais atentos terão reparado que deixei cair a referência à Fantasia no subtítulo. Decidi dedicar o conteúdo do fanzine exclusivamente à Ficção Científi-

ca embora por vezes a Fantasia possa espreitar marginalmente. Com o tempo verei se foi uma decisão acertada.

Espero que se divirta a ler este fanzine tanto como me diverti a organizá-lo e gostaria de torná-lo a contar como leitor no próximo número. Até então, um bem haja. ✂

João Ventura é professor no Instituto Superior Técnico e um dos mais activos autores de fantástico em Portugal com vários trabalhos publicados em papel e online, o último deles no sítio Tecnofantasia (<http://www.tecnofantasia.com>). Antigo colaborador do sítio Hyperdrive volta à nossa presença com este conto que foi Menção Honrosa nos Jogos Florais da Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica em Outubro de 1997.

Bonecas Russas

de João Ventura

O quadro representa um homem que pinta um quadro, onde está pintado um homem que pinta um quadro, onde está pintado um homem que pinta um quadro, onde...

Desta série infinita, o primeiro termo da série, que a si próprio se pensa como “o pintor”, mas que designaremos de uma forma mais geral como pintor₁ (pintor índice um) conseguiu escapar-se; é ele que circula pela exposição, com indumentária de artista *ma non tropo*, recebendo cumprimentos da crítica e dos felizardos que receberam convite para a *vernissage*. Enquanto troca palavras de circunstância, não se apercebe que o pintor₂ se esforça desesperadamente por se libertar da prisão bidimensional em que se encontra encerrado. Está cansado de estar na mesma posição há tanto tempo, mas a tela prende-o de uma forma rígida, quase absoluta.

Se o pintor₁ se apercebesse disto, teria razão para ficar extremamente preocupado; mais, se tomasse consciência das implicações, pegaria num maçarico e queimaria a tela até não ficar mais do que um resíduo de material carbonizado. Porque se o pintor₂ se conseguir libertar, esse facto irá despoletar uma terrível sequência de acontecimentos: o pintor₃ passará ao nível onde anteriormente se encontrava o pintor₂ e tentará por sua vez passar ao espaço tridimensional. O que agora acontecerá de forma mais simples, pois a velocidade de passagem para espaços de dimensão mais elevada é uma função exponencial do número de passagens anteriores. É fácil (embora angustiante) visualizar a sucessão infinita de pintores a deslocar-se de tela para tela, com velocidade cada vez mais elevada, e a materializar-se (melhor, a tridimensionalizar-se) no meio da exposição, todos eles cópias perfeitas do pintor₁ – afinal o quadro é um auto-retrato – o pânico generalizado, a desvalorização subsequente (sim, porque se o valor comercial de uma obra é proporcional à sua raridade, o mesmo se passará em relação ao artista!).

O pintor (pintor₁ na nossa nomenclatura), segurando na mão esquerda um *gin tonic* e na direita um cigarro cujo fumo desenha complicadas figuras enquanto ele faz gestos para reforçar os seus argumentos, passou agora pela frente da tela, discutindo o pós-moderno com o responsável do suplemento **Artes e Letras** de um

conhecido semanário. Olhou para o quadro e teve a sensação que a tela não estava perfeitamente lisa, parecendo repuxada nalguns sítios. Tomou nota mentalmente para no dia seguinte falar ao moldureiro, para que tenha mais cuidado quando se trata de trabalhos para uma exposição... ✍

*Telmo Marçal é uma presença quase constante no pequeno seio da comunidade FC lusófona. Com trabalhos publicados no fanzine **Dragão Quântico** e no sítio *Hyperdrive*, regressa com este fascinante conto onde nos descreve uma colmeia que quase nos parece familiar. Quase...*

A Decadência da Colmeia

de Telmo Marçal

Ele estava quase convencido de que fora apenas um capricho da má sorte, mas nestas coisas nunca se sabe. A verdade é que lhe tinham distribuído um favo numa das zonas mais desagradáveis da Colmeia: uma área isolada, distante dos túneis de ar, tão antiga que as paredes dos favos eram mesmo escavadas na rocha e a ramificação não tinha monocarril.

Pesadas em conjunto, estas desvantagens constituíam um significativo rol de queixas; e contudo não eram elas a verdadeira causa do seu desagrado. Aquela era uma colmeia ancestral e fecunda, o que obrigava à utilização de todos os espaços recônditos para albergar as populações. Nas zonas centrais, iluminadas pela luz natural reflectida, resplandeciam estruturas modernas, em aço e plástico, com mais de vinte andares de favos, servidos por plataformas elevatórias. Isso é que era vida. Mas para habitar tal paraíso era preciso ser-se zangão, ou pelo menos soldado.

O que o levava a lamentar-se quanto à habitação, era esta ser contígua à grande câmara usada para a reconversão dos traidores; apenas com um tosco tabique de madeira apodrecida, armado no fundo do favo, a fazer a separação. À noite, quando se recostava no catre para o merecido descanso, os urros e lamentos dos proscritos ressoavam pela rocha e acomodavam-se na sua cabeça.

Naquela ala, provavelmente sujeitos em maior ou menor grau ao mesmo martírio, viviam apenas mais dois mil obreiros. Um número vergonhosamente insuficiente para poder ser acalentada qualquer esperança de protesto. Mesmo que o fizessem em força, sendo tão poucos, seriam disciplinados de imediato.

O obreiro Hanid7254 só residia naquele favo há 16 dias, cerca de semana e meia. E na verdade era o primeiro favo a que podia chamar seu, pois ele era um habitante recente da Colmeia, mercê de um percurso de vida peculiar. Todo o seu período de larva, e mais dois anos após a confirmação como camponês, tinham sido passados em acampamentos no exterior, numa área de produção remota. Ser finalmente membro de pleno direito da Colmeia e não um pária, como sempre se havia sentido, constituía para ele a concretização de todos os sonhos. As demais contrariedades não passavam de pormenores.



Hanid7254 tomou lugar na fila matinal, acertando o passo com o dos outros milhares que seguiam para os campos, e juntando a sua voz às composições melódicas. As noites mal dormidas não lhe conseguiam diminuir o fulgor. Verdadeiramente temível era a memória recente de uma vida a trabalhar desprotegido, sem segurança nem calor, temendo tanto as constipações como as incursões dos enxames rivais para roubar fêmeas e fazer escravos.

Era uma manhã ensolarada do fim do estio e Hanid7254 cumpria a sua tarefa, sachando diligentemente por entre os regos de arbustos frondosos e floridos. De súbito, a sua atenção foi captada por um acontecimento dos mais estranhos: uma obreira fêmea, dois regos a seguir ao dele, estava a responder em voz tão alta ao Supervisor de Mil, que as suas palavras eram perfeitamente audíveis.

- Não é verdade! – ripostava ela. – Os registos não se enganam, claro, mas eu estou a sentir que está para breve. Por vezes consigo sentir essas coisas, sabe. Não precisa de fazer nada: dê-me só mais um dia...

- Vou anotar tudo no relatório – respondeu o Supervisor, voltando as costas.

Sem saber bem porquê, pois o assunto não lhe dizia respeito, Hanid7254 ficou satisfeito por a rapariga ter conseguido ganhar tempo. Estava-se a entrar no fim da semana, o dia seguinte seria de descanso. Como o Supervisor de Mil era um tipo demasiado insignificante para tomar decisões, apenas faria uma referência em relatório, que só seria conhecida do Supervisor de Dez Mil quando regressassem ao trabalho, daí a dois dias. Talvez assim a rapariga tivesse uma oportunidade. Não que isso tivesse qualquer importância para ele, claro; a sua única preocupação era trabalhar afincada e ordeiramente para o bem-estar do enxame. No entanto, algo que não sabia explicar, levou-o a remoer naquilo até à pausa da segunda refeição.

Quando o distribuidor da comida chegou até à sua posição na fileira, e Hanid7254 recebeu ordem para se sentar, ficou a observar a rapariga enquanto engolia as papas adocicadas. Curioso, ela tinha o mesmo tamanho e feições de todas as outras – e uma cintura delicadamente fina – mas ele estava a conseguir identificá-la, tinha a certeza de já a ter visto antes. E isso era deveras improvável, pois ela não pertencia à sua Milena de trabalho.

As reflexões inúteis desvaneceram-se quando voltou a concentrar-se no trabalho, revolvendo a superfície à volta de cada arbusto para arrancar as raízes suspeitas de romperem em ervas daninhas. A luz começava a ser insuficiente, quando foi modelado o apito de enfileirar. Num movimento quase simultâneo todas as costas se desdobraram, e cada operário fez os milimétricos ajustes na respectiva posição para garantir a perfeita rectilinearidade da sua fileira, tomando as flâmulas coloridas dos Supervisores de Mil como marcos. A fileira de Hanid7254 recebeu por sua vez a instrução de marchar, entre os arbustos, até ao limite da plantação. Sem abrandar o ritmo, os obreiros entregaram as ferramentas nas bancadas, sob o olhar

atento do Ajudante do Supervisor de Dez Mil que, com um aceno de cabeça, depois de um fugaz olhar à tábua dos relatórios, autorizava que fosse entregue a cada homem ou mulher o disco verde que atestava a correcção no trabalho do dia. Hanid7254 recebeu o seu disco, como sempre com alguma emoção, e experimentou o usual arrepio quando passou pelo grupo desordenado dos que tinham, por qualquer motivo faltoso, recebido ordem para abandonar a fileira e aguardar interrogatório.

O planalto de terra bem batida onde todas as Milenas camponesas se juntavam ao fim do dia, já estava repleto de dançarinos, a formar graciosamente em curvas intrincadas. Os esquemas que representavam a dança da Milena de Hanid7254 passaram de mão em mão, e depois começaram a soar os apitos de instruções. A dança daquele dia era breve e pouco complicada: o círculo de obreiras, depois de completo, dividia-se em dois mais pequenos; depois um deles desfazia-se em duas fileiras paralelas, perfeitamente rectilíneas, que atravessavam o círculo restante de lado a lado. A Milena não tinha nada de entusiasmante a relatar aos zangões, que observavam as formações de dançarinos a partir da escarpa, com os seus olhos poderosos.



Ao atravessar os portões exteriores da Colmeia, Hanid7254 esperou pacientemente até arranjar lugar no monocarril que o levou ao refeitório mais próximo. Mostrou o disco verde e recebeu o tabuleiro com a terceira refeição, a mais apetitosa e substancial do dia. Sentou-se de pernas cruzadas no chão da enorme câmara, no primeiro espaço que vagou, apoiando as costas nas de outro comensal. Nos seus tempos de vida ao ar livre sentira falta daquela intimidade aconchegante, que só agora conhecia em toda a plenitude. Deu dois dedos de conversa aos outros que o rodeavam, quase todos obreiros, mas apressou-se a sair assim que terminou o repasto, não fosse sofrer uma repreensão por ocupar tempo demais o espaço público.

Para chegar à sua ala ainda caminhou bastante, usando elevadores para descer alguns níveis e seguindo por desvios para evitar os estaleiros de remodelação, espalhados um pouco por toda a parte. Escolhera o trajecto mais longo: aproveitaria o fim do último dos dez dias de trabalho da semana para atravessar um dos corredores principais. Estes corredores, a espinha dorsal da Colmeia, eram tão altos que quase não se distinguiam os favos dos últimos níveis, e tão compridos que podia custar um dia percorrê-los topo a topo. E eram absolutamente maravilhosos; perfeitamente rectos, e todos a desembocarem na Câmara da Rainha, o centro nevrálgico da colmeia, onde existia uma construção refulgente, em vidro e aço, com mais de trinta níveis. Hanid7254 nunca se dirigira em direcção à Câmara da Rainha. Quase nem se atrevia a passear a sua baixa condição nos corredores prin-

cipais. Normalmente só percorria as plataformas suspensas, com espaço para três ou quatro filas de transeuntes, que atravessavam os corredores principais de lado a lado. Sentia-se suficientemente satisfeito por poder deliciar a vista com o brilho que emanava da Câmara da Rainha, visível ao longe de qualquer daquelas passagens.

Ao chegar à sua tristonha ala, entregou o disco verde ao soldado de serviço e subiu de imediato as escadas que o levaram ao favo. Junto ao fundo, na zona pouco iluminada, tirou dos bolsos uma mão cheia de terra que colocou em cima do chão de rocha. Depois pegou no pequeno jarro e despejou umas pingas de água sobre a terra. De dentro do fato de trabalho extraiu palhas secas e misturou-as à lama, amassando tudo até obter uma pasta homogênea. Durante a operação foi olhando por cima do ombro, pois tinha algum receio de ser surpreendido. Não que estivesse objectivamente a incorrer em qualquer falta, mas parecia estranho que um camponês ocupasse as horas vagas entregue às tarefas próprias de um obreiro-construtor. Quando a argamassa lhe pareceu suficientemente consistente e com a humidade desejada, usou-a para calafetar mais uma porção do tabique de madeira, que já se encontrava meio coberto com aquele material isolante. Satisfeito consigo próprio, veio até à entrada do favo apreciar as vistas. O corredor seria em breve fechado para o período de repouso e os retardatários apressavam-se em alcançar os favos respectivos. Depois do encerramento, as lâmpadas do tecto só estariam acesas por mais meia hora, ficando a partir daí interdita qualquer circulação.

Ao olhar para os favos fronteiros ao seu, Hanid7254 sentiu um sobressalto. A subir para o passadiço do primeiro nível estava uma figura que reconheceu imediatamente – a rapariga do campo, que respondera em voz alta ao Supervisor. Agora sabia porque lhe identificara as feições: tratava-se praticamente da sua vizinha da frente.



A primeira ocupação no feriado era ir ao balneário, desfazer a lama colada aos corpos e envergar a muda lavada. Sem qualquer motivo consciente, Hanid7254 esperou à entrada do seu favo até ver sair a rapariga; depois fez os possíveis por se manter na fila em que ela seguia, algumas posições mais recuado. Chegaram praticamente juntos ao balneário. Ela tinha escolhido um tão afastado que seria impossível alcançarem depois um refeitório, a tempo da primeira refeição.

Aquele inaudito desprezo pela rotina azedava Hanid7254 por dentro, mas não temia problemas, afinal de contas era fim-de-semana. Consciente do clima de quase permissividade que fruía pela colmeia em todos os dias feriados, Hanid7254 postou-se à entrada do cubículo banear escolhido pela obreira, logo que esta deixou descair a cortina. Pouco depois, a sobrepor-se ao intenso murmúrio dos chuveiros, pareceu-lhe ouvir um grito abafado. Sem que a cortina fosse levantada mais do que o necessário, um braço nu puxou a roupa lavada, que fora deixada no exterior, dei-

xando em seu lugar uma trouxa de panos com nódoas e suor de dez dias. Fingindo-se distraído, como se estivesse a aguardar vez, Hanid7254 reparou que uma das peças interiores estava manchada de sangue.

A mulher não demorou a abandonar o cubículo, com uma expressão calma mas concentrada. O obreiro seguiu-a automaticamente, sem se fazer notar, enquanto ela se dirigia ao Supervisor do balneário. Hanid7254 não se aproximou o suficiente para perceber as palavras trocadas, mas reparou que algo não estava a correr bem. Por certo devido ao feriado, em que o pessoal menor é reduzido ao indispensável, a obreira encontrou pela frente um Supervisor de Dez Mil em pessoa. Mostrou-lhe qualquer coisa nas roupas sujas, mas isso pareceu não o satisfazer. Depois um Ajudante acompanhou a mulher à câmara da entrada. Quando voltaram, o Ajudante falou para o ouvido do superior, mantendo a mulher agarrada por um braço. Os soldados que pairavam por ali começaram a aproximar-se, e um deles saiu, voltando pouco depois com um oficial.

Hanid7254 furou arrojadamente por entre o grupo de curiosos até estar suficientemente próximo para compreender o que se passava. Nada de especial: uma fêmea tinha engravidado sem autorização, e para escapar ao castigo forjara o aparecimento da menstruação. O obreiro juntou os factos e compreendeu que a fêmea se tinha mutilado interiormente, esperando assim, ao exhibir o sangue, passar no controlo e obter o disco púrpura para mostrar ao Supervisor do campo, na semana de trabalho seguinte.

O estranho impulso que Hanid7254 sentia desde o início da manhã levava-o a ser testemunha de um crime. Curiosamente, essa mesma inquietude emocional, impedia-o de avançar e de relatar os factos que conhecia, prescindindo assim de obter uns pontos extras no Registo. De qualquer modo o seu testemunho seria inútil ao apuramento da prevaricação: quando a anotação do dia anterior, tomada pelo Supervisor do campo, desse entrada nos Registos, os encarregados de apurar a verdade facilmente somariam dois mais dois.

Não fosse a atitude dissimulatória e o inominável crime de ter mentido a Supervisores, o castigo aplicado não seria de grande monta: escrava estéril da Rainha durante o resto da vida, após dar à luz a criança. Esta seria enviada, sem ter recebido instrução, para as colónias exteriores. Fora essa a condenação da mãe de Hanid7254 por percalço semelhante, determinando assim o destino pouco risinho do filho. O obreiro sentiu que se apoderava dele um sentimento há muito esquecido: uma fúria quase intensa, dirigida tanto contra a mulher criminosa como contra a sua própria mãe que nunca conhecera.

Quando o pequeno ajuntamento dispersou, na sequência de um olhar carregado lançado pelo oficial, Hanid7254 tomou finalmente o seu banho. De seguida percorreu os corredores, saindo e entrando nas filas, até serem horas de tomar

lugar para a distribuição da segunda refeição. Logo que acabou de comer, o tal estranho impulso fê-lo dirigir-se à ala onde os criminosos da sua secção eram julgados.



Assistir às sessões disciplinadoras era uma das principais distrações nos feriados. No entanto Hanid7254 nunca se sentira muito cativado para tal. Mas nesse dia, em que todas as pulsões estavam viradas do avesso, Hanid7254 juntou-se aos milhares que enchiam os níveis de bancadas daquela curta ramificação, uma das poucas desprovidas de favos.

No centro do palanque estava o Triunvirato de Zangões de serviço, inconfundíveis nas suas togas douradas de onde pendiam, quase até ao chão, duas abas translúcidas. De ambos os lados postavam-se dois Supervisores de Cem Mil, que alternadamente relatavam os factos aplicáveis a cada acusado apresentado. Em baixo, logo a seguir aos soldados em sentido, formava a fila dos que estavam a ser sujeitos a julgamento. Pelo sistema sonoro instalado ao longo do corredor era possível ouvir claramente tudo o que se passava. Quando Hanid7254 arranjou lugar, algures no quarto nível da bancada, desviado apenas um pouco para a esquerda do palanque, estava o oficial dos soldados a trazer um obreiro-construtor, a julgar pelo fato de trabalho laranja.

– Dzari2654 – apresentou o soldado, elevando os olhos da tábua dos apontamentos para o palanque.

Um Supervisor de Cem Mil começou a relatar:

– Acusado de desleixo. Foram-lhe descontadas trinta horas de trabalho, para aprender a ser um Chefe de Fila na dança da Milena. Foi considerado apto pelos seus instrutores. Na primeira dança em que assumiu funções, há oito dias atrás, embaralhou de tal forma a fileira que várias Milenas, a evoluir no mesmo local, tiveram de parar e começar tudo de novo.

Hanid7254 ouvira comentar aquele caso. A confusão que a inépcia do homem causara havia sido tremenda. Merecia um castigo exemplar. O murmúrio que atravessou as bancadas confirmava ser esse o sentimento comum.

– Condenado a trabalhar nos próximos 50 feriados. – Proferiu um dos zangões com voz grave.

O zangão sentado ao meio acenou levemente com a cabeça, e o obreiro foi levado para a outra ponta da fila. De pronto avançou outro oficial, acompanhado por mais um obreiro-construtor, declinando o seu nome.

O Supervisor apresentou um relato breve:

– Produtividade insuficiente. Já teve duas condenações anteriormente pelo mesmo motivo. Na primeira baixou de obreiro-administrativo para construtor e na outra sofreu dez dias de reabilitação.

– Vinte dias de reabilitação e baixa para obreiro-doméstico – submeteu um zangão ao assentimento do seu superior.

O caso seguinte era mais complicado: tratava-se de uma fêmea da classe instrutora; não era uma obreira. Isso explicava, pensou Hanid7254, o elevado número de instrutores presentes nas bancadas, o que não era nada habitual. Ao contrário dos antecessores, a fêmea avançou de cabeça erguida e fitou os zangões quando foi apresentada.

– Acusada de desvios ao programa de instrução de larvas e de desobediência aos superiores após ser chamada à atenção. Os relatórios registam 112655 petições a seu favor, quase só de instrutores e ajudantes.

O murmúrio surdo da assistência voltou a ecoar no corredor. O zangão a quem correspondia determinar a condenação pareceu hesitar antes de tomar a palavra:

– Condenada a uma advertência, que será registada no seu processo individual.

O murmúrio que tinha crescido perceptivelmente cessou de imediato. Hanid7254 já estava farto daquilo e resolveu voltar ao seu favo, sem sequer considerar as outras hipóteses de distrações com as quais poderia ainda tentar animar o dia. No próximo feriado, provavelmente, chegaria a vez da rapariga que perseguira de manhã conhecer a respectiva sentença.



Nos dias seguintes Hanid7254 procurou concentrar-se no trabalho, mantendo à distância, com afinco, todas as sombras de pensamentos perturbadores que teimavam em assaltá-lo. Habitar a Colmeia, ser uma célula produtiva integrada nas multidões, constituía o prémio almejado durante toda a vida. Devia ao seu comportamento irrepreensível a honra de ter sido emancipado ao crime da progenitora e enquadrado no enxame quase como se não tivesse mácula. Não se podia dar ao luxo de experimentar dificuldades de adaptação. Não permitiria que o amargo da angústia lhe toldasse a perseverança.

Nas colónias exteriores, como aquela onde tinha crescido sem gozar os privilégios da fase de larva, não era necessário plano de natalidade, uma vez que todas as fêmeas eram esterilizadas. Nenhum exilado ou nascido fora dos rigores genéticos prescritos podia ser qualificado para reprodutor. Entre os indivíduos enrolados nas tendas passavam-se coisas bem sórdidas ao princípio de cada noite.



Hanid7254 tinha tomado firmes resoluções para o próximo feriado. Passaria todo o dia no exterior, a admirar o sol e as flores. Havia juntado créditos bastantes e o seu Supervisor não lhe negaria um passe. Assim, quando o dia chegou, envergonhou o fato lavado e postou-se em posição de aguardar um monocarril que o levasse

a uma saída. Mas então, e aquele sobressalto nas entranhas? Hanid7254 compreendeu que não sosseitaria sem conhecer o destino da obreira subversiva. Por mais que tentasse negá-lo, as atitudes convictas da rapariga tinham-no impressionado irremediavelmente. Lamentando a sua fraqueza, observou cabisbaixo os próprios passos a conduzirem-no ao corredor dos sentenciados.

Naquele dia não devia haver casos importantes, pelo que foi fácil ocupar um bom lugar na zona central das bancadas. Desfilaram, perante os seus pouco despertados sentidos, mais de três dezenas de indivíduos não recomendáveis à pureza do enxame. Até que finalmente foi proferido o nome de quem ele aguardava, o qual conheceu pela primeira vez.

– Ranad3547.

– É acusada de engravidar sem estar escalada para progenitora. Tentou esconder o seu crime quando o Supervisor de Mil detectou o atraso na menstruação. Depois procurou enganar um Supervisor de Dez Mil e, mais grave ainda, um Sargento da Guarda da Rainha.

– Vai para a zona de reabilitação, onde desempenhará serviços domésticos até nascer a criança. Depois será usada como fertilizante.

Hanid7254, chocado, olhou para os lados tentando adivinhar as reacções dos demais assistentes. Estavam impávidos: a condenação era por certo adequada. Os devaneios genéticos estavam no topo da lista dos crimes. Ser escalado para progenitor, após parecer positivo em todos os exames médicos necessários, constituía a grande recompensa, para a qual era imperativo aliar um comportamento irrepreensível a um passado de gerações de genes seleccionados.



Não era tarefa agradável a preparação de corpos para a obtenção de compostos fertilizantes. Ele próprio, como camponês, já o tinha feito algumas vezes. A probabilidade era mais do que ínfima, mas qual seria a sua reacção se lhe fosse parar às mãos o corpo da ex-vizinha? Moído de tantas voltas no catre, sem conseguir afugentar a insónia, Hanid7254 sabia que a noite já ia a meio. Se lhe perguntassem porquê não apresentaria qualquer explicação consistente, mas deu consigo a arrancar, à força de unhas e dedos calejados, as ripas do tabique. Não foi longe nos intentos, mas confirmou o que pretendia: a parede enxertada do seu favo contactava directamente com a câmara de reabilitação, ou pelo menos com um dos seus acessos. Pela estreita abertura escapava uma brisa fresca a transportar ecos de lamentos.



Passou o dia curvado no labor, arredando com denodo os fantasmas do sono, tomado de uma febril determinação. Subiam à sua garganta as torrentes da revolta que abafara há muitos anos; sabia que estava irremediavelmente perdido. Logo que

se viu dispensado voltou ao favo fatídico, o seu, e estirou-se ao comprido para consumir avidamente uns momentos de descanso. Ganhara tempo não passando pelo refeitório, alimentando-se com as magras reservas que aconselhavam sempre a manter na sacola.

Quando a ala se aquietou, ele estava pronto para retomar o ataque à humilde parede, apoiado desta feita por um pedaço de ferro que surripiara com engenho. Actuou lenta e cuidadosamente, para não despertar as obreiras linguarudas. Ainda vinha longe a hora em que o seu corredor seria iluminado, anunciando metaforicamente o nascer de um novo dia, e já ele tinha obtido uma abertura suficientemente grande para se esgueirar. Depois de piscar os olhos para se habituar à claridade ténue proveniente de lâmpadas em baixo, reparou que tinha a seus pés um passadiço enferrujado. Estava noutra corredor.

Só no início da noite seguinte se alentou para uma exploração mais pormenorizada. Parecia tratar-se de um antro antigo e mal amanhado, de bafio e de lendas. Algum prospector errara – ele também sabia algo de construção – e calculara mal as espessuras de rocha. Ou então uma lasca estratificada tinha escoado, quando se perfurara o corredor contíguo. Suposições nada importantes, que a pouca iluminação não permitia aprofundar. Para seu próprio benefício, uma vez que daquele lado a perfuração de favos não havia prosseguido, os passadiços de estaleiro ainda estavam colocados e respondiam firmemente ao tactear.

Aquele era o corredor de acesso e não a verdadeira câmara de reabilitação. A sedenta boca do local temido era por certo assinalada pelo clarão que bruxuleava mais ao fundo. Ele sabia dos rituais e preparativos a cumprir nos calabouços antes de perfilarem os prisioneiros para a travessia. Por tradição e método redundavam invariavelmente num adiamento de três dias à condenação prescrita. Ele próprio já assistira, em benefício da sua almejada integração, à formação dos marcados para o suplício. Um acto público para edificação dos puros. A sua vizinha, se não sobreviesse algum imprevisto, encarrilaria com os demais na próxima leva: passariam por ali cerca de uma hora após terminar o período de labuta. Voltou apressado ao seu favo, disfarçou as marcas da aventura e aninhou-se apavorado.



Quando os apitos anunciaram o início de mais um turno para a glória do enxame, deixou-se ficar encolhido no catre, ensaiando argumentações que não foi compelido a utilizar: não se deram ao trabalho de fiscalizar uma primeira falta. Pouco depois já se encontrava do outro lado, convencido de que deixara insuficientes indícios para aguçar a curiosidade de um eventual doméstico em serviço aos favos.

Tantas horas de reflexão não tinham produzido um plano de acção. À falta de melhores ideias decidiu fazer o reconhecimento do terreno. O corredor fatídico pare-

cia deserto, abandonado aos fantasmas, mas isso era mais uma esperança do que certeza verificável. Hanid7254 desceu andaimes, às apalpadelas, até alcançar o nível do solo. Deixou-se repousar numa estrutura apodrecida que lhe pareceu esconderijo capaz. Teimava em articular um plano, mas o sucesso não lhe sorriu. Por ali ficou, moendo pedaços de pão entre os dentes, farto de ter medo, até acabar por dormir.

Despertou ao som do ranger de portões e de vozes furibundas. Levantou-se, com a intenção instintiva de fugir, quando todo o tecto resplandeceu de luz eléctrica, afastando as sombras protectoras. Do lugar onde vigiava, esforçando-se por ser tão digno de atenção como uma pedra, via os pés da coluna compacta dos condenados. Então, da forma mais inesperada, ecoou um grito ribombante:

– Agora, companheiros!

Seguiram-se cenas da mais completa loucura, irmãs gémeas do pesadelo. Com um urro, homens e mulheres de feições alteradas, como animais selvagens, destróçaram para lançar garras aos pescoços dos soldados mais próximos. Muitos alcançaram os seus intentos, um número ainda maior sucumbiu sob as armas, e a maioria manteve-se impávida e atónita sem sair do lugar.

Desprezando o travão de qualquer raciocínio, Hanid7254 saltou fora do esconderijo e esquivou-se numa correria louca até encontrar o que queria: o rosto assustado de uma mulher que, dias atrás, nos campos, ele se admirara por conseguir identificar. Pegou nela por um braço e passou por cima de outros que também procuravam a ilusória segurança dos andaimes. Só ele conhecia realmente o caminho, sabedoria a que aliou o desespero para tomar a dianteira. Quando os reforços de soldados entraram pelos topos do corredor, metralhando sob a luz fria os trepadores, já ele e a companheira tinham atravessado a fronteira do tabique.

A mulher ficou acorada no chão, a tremer, observando Hanid7254 a reparar cuidadosamente o tabuado, indo ao pormenor de recolocar a argamassa. Enquanto diligenciava nessa tarefa, surgiu-lhe finalmente o vislumbre do desejado plano. Agora sabia o que havia a fazer. Por entre atabalhoadas explicações e palavras de incentivo, disseceu os seus projectos de desespero à jovem aterrorizada mas atenta.



A hora da terceira refeição passara há muito e já estavam a ser lançados os primeiros avisos para as obreiras prepararem o recolher. A mulher, mantida em pé apenas pela força das palavras de Hanid7254, dirigiu-se ao seu antigo favo, ainda desocupado, aparentando ser a mais despreocupada das criaturas.

Foi longo e angustiante o tempo que os levou ao dia seguinte. Mas não vacilaram e cumpriram o combinado. Cada um dirigiu-se à zona de reunião da respectiva Milena, e se alguém mais atento se admirou ao ver aparecer Ranad3547, escusou-se sabiamente a tornar notório o facto. Uma vez no exterior foram conduzidos aos

campos dos arbustos verdejantes, calhando, como esperavam, ficarem relativamente perto um do outro.

Imediatamente antes da pausa para a segunda refeição, Hanid7254 e Ranad3547 pediram autorização para irem à zona de despejos. Foi, debruçados sobre os tanques de dejectos, que os dois aventureiros trocaram as primeiras palavras num volume de voz normal. E conversaram animados até os apitos chamarem os operários da produção de fertilizante para junto dos outros e os tanques ficarem quase abandonados.

Hanid7254 e Ranad3547 avançaram em passo apressado por entre os labirintos de cubículos, indiferentes às expressões boquiabertas dos poucos obreiros agachados. Chegaram ao extremo oposto dos enormes tanques após dez minutos de corrida, sem que alguém se tivesse incomodado a dar o alarme. Daí para a frente era terreno aberto, recentemente desmatado: o limite actual da área de influência da colmeia. Ali se rasgariam os novos campos, logo que assim parecesse conveniente à Rainha-mãe e aos seus Conselheiros Agrícolas.

Nem sequer havia postos de vigia, tal como supusera Ranad3547, que talvez por ser nativa da colmeia percebia dessas coisas. A faixa de terreno plano separava-os cerca de dois quilómetros do grande rio. Depois do lençol de água começavam as terras verdadeiramente selvagens, onde nem os telescópios instalados na escarpa sobranceira da Colmeia logravam penetrar. Havia assim que atravessar a terra despida, sem desperdiçar o escasso fôlego, atentos aos perseguidores.

Mas claro que ninguém se prestou a esforços tão desnecessários como perseguições. Cada Supervisor anotaria simplesmente as faltas ao trabalho respectivas. Os prevaricadores teriam problemas de sobra quando se dirigissem a qualquer entrada da colmeia. Hanid7254 e Ranad3547, ofegantes e excitados com a proeza, aproveitaram para descansar quando alcançaram a margem do rio, deitados de borco por entre as ervas. Restabeleceram-se em poucos minutos e depois foi só escolher um local prometedor para intentar a travessia a vau.

Do outro lado do rio, apenas uma estreita língua de vegetação os separava das árvores frondosas que pareciam cobrir tudo, colina após colina, até onde a vista alcançava. O plano, que tinha sido cumprido à risca, terminava precisamente aqui. Mas Hanid7254 sabia que estavam a salvo. Por força das circunstâncias possuía a mais rara das especializações: sabia como sobreviver no exterior desenraizado do enxame.



No centro da grande câmara, foco refulgente de milhares de pontos coloridos reflectidos por cristais facetados, estava uma velha gorda e bem disposta, amimada por um rancho de garotas que lhe davam perfumes a cheirar.

Um dos elevadores laterais despejou no salão mais um jovem zangão, garboso na sua túnica, que avançou pelo meio do recinto em passo de formatura. Ao abeirar-se do círculo invisível que delimitava a zona de protecção à Rainha-mãe, entregou uma mensagem a um dos guardas e virou costas. Um minuto depois toda a gente era convidada a retirar-se, sendo evidenciado pelo semblante dos soldados que a presteza era precedente à compostura. Quase no minuto seguinte, um dos poucos que permaneciam na real câmara anunciou a entrada dos estrangeiros:

– Lordes Telko e Atari, ilustres e doutos amigos do enxame.

– Bem vindos, meus amigos – cumprimentou a Rainha, visivelmente agradada.

– Obrigado – proferiu o Dr. Atari, forçando-se a uma aparência simpática. – Viemos logo que recebemos a vossa mensagem; mas estamos com bastante pressa. Contem lá o que os preocupa.

– Nada de especial. Apenas temos uma boa notícia para vós. Uma das colónias de revoltosos, a que vive na orla dos bosques, mesmo em frente à Colmeia, atingiu os mil indivíduos: juntaram-se-lhes recentemente mais um homem e uma mulher. Todos os colonos são provenientes do corpo principal do enxame ou nasceram no estado selvagem. Estivemos sempre muito atentos e podemos garantir que não houve qualquer mistura com indivíduos geneticamente decadentes.

– Ahá! – exclamou o Dr. Atari, enquanto esfregava as mãos. – Isso é realmente uma notícia muito boa.

– Pois é, mesmo muito boa – aquiesceu o Dr. Telko. – Tão importante que se sobrepõe completamente à experiência em que estamos actualmente envolvidos. Pedimos licença para nos retirar de imediato porque urge dar início aos preparativos. Voltaremos de hoje a uma semana – uma semana de sete dias – com todo o pessoal e equipamento necessários à transferência. Mantenham a vossa gente entretida no interior da colmeia nesse dia, que a operação vai ser aparatosa.

– Não se preocupem. – Sossegou o mais galardoado dos velhos oficiais. – Trataremos de tudo.

– E para onde os vão levar desta vez? – perguntou a Rainha-mãe, num súbito arrojo.

Atari franziu o sobrolho, mas condescendeu em responder:

– Este é um lote especial que vai ser condicionado no laboratório principal. Queríamos indivíduos com uma marca genética específica: inteligentes, inconformados e capazes de tomar a iniciativa. Exactamente o tipo de personalidade com menos probabilidades de ser encontrado no enxame. Todavia interessa-nos gente afeita à cultura de sociabilidade e disciplina. Por isso, e por considerações científicas que não vêm ao caso, depositamos grandes esperanças neste lote. Provavelmente os mais jovens serão condicionados para a carreira militar e percorrerão a galáxia

como mercenários. Garantimos que haverá bons proveitos para o enxame. O que querem desta vez? Mais um carregamento daqueles licores xaroposos? ⚡

Alberto Figueiredo define-se como profissional de informática e apaixonado por ficção científica. Com um manuscrito a fazer as rondas das editoras e outro em fase de escrita o presente conto é a sua estreia num fanzine. Para quem pense que o facto de trabalhar em informática pode ter moldado o texto numa direcção convergente com os ditames populares do cyberpunk pode vir a ter uma surpresa neste conto delicado sobre a descoberta de si próprio e as opções que cada um de nós deve tomar na via do esclarecimento e crescimento como indivíduos.

Os Vórtices das Trevas

de Alberto Figueiredo

S seja bem-vindo!

Não se assuste. Sente que tudo está deveras obscuro, indistinto, muito confuso não é? Acalme-se. Não tenha receio, não fique intimidado. Eu estou aqui para ajudar. Isto não é fácil, nunca é, mas com a minha ajuda será de certeza mais simples e agradável.

Primeiro é preciso que se descontraia e apesar de toda esta escuridão aparente é necessário que abra o seu espírito à luz. Confie em mim. Não há nada a recear.

Aproxime-se. Junte-se a mim. Veja. Ali está a luz. Vai sentir-se melhor se estiver mais próximo dela.

Vá lá. Isso! Está a conseguir. Entregue-se à luz. Vai ver como tudo será mais fácil. É preciso que acredite que esta experiência irá correr da melhor maneira possível.

Não, não. Tenha calma. Nada tema. Eu sei que isto aqui é assaz avassalador mas é preciso que conjure toda a sua força de vontade. Só assim se irá libertar da escuridão anterior e então ver a luz.

Você acabou de passar por lugares sinistros, o caminho até aqui não é fácil. Viu e sentiu muita escuridão. Andou por entre um turbilhão de corpos disformes que se movem e distorcem de maneiras impossíveis. Mas agora você está a começar a ver, ainda que de maneira muito ténue, a luz.

Lute por ela.

Sim, agora sim, está a alcançá-la. Absorva-a e deixe que ela o guie, o ilumine e o esclareça.

Ela vai ajudar a afastar todas as trevas que tomaram albergue no seu espírito durante a caminhada que fez para aqui chegar. Vai ajudá-lo a confrontar as dúvidas e os receios, as incompreensões e os dilemas. Vai fazer com que consiga analisar tudo de um modo mais simples mas não simplista. Será mais fácil perceber e compreender os *comos* e em especial os *porquês* sem dificuldade, sem preconceitos

e com um espírito aberto a todas as possibilidades, sem colocar mesmo nada de parte.

Agora sim, estamos a fazer progressos. Está prestes a conseguir. Só posso ajudar caso seja essa a sua vontade. Abraça a luz sem receios, sem hesitações; é para isso que ela está aqui e que vai ao seu encontro.

Aceite a segurança, a calma e a clareza de espírito que ela lhe proporciona. Maravilhe-se com tudo o que ela lhe oferece. Olhe para lá dela. Veja a imensidão, ouça o silêncio, sinta a quietude. Contemple as cores impossíveis, aprecie as formas imensas e impraticáveis, assista ao bailado dos corpos celestes.

Ora cá estamos!

Obrigado por ter confiado em mim. Agora já o posso ajudar a tornar esta transição menos conturbada. Você vai ter de ficar aqui comigo durante algum tempo. Não sei se será muito ou pouco, depende de si. De qualquer modo isso não é nada relevante. É assim que as coisas funcionam. Mas não se preocupe, eu vou tentar aos poucos explicar tudo, ou quase, pelo menos aquilo que eu sei e posso. O resto será consigo. Acredito que será capaz de o alcançar.

Está preparado?

Vamos então começar.

Ora então você veio de onde?

Da Terra? Do planeta Terra?

Eu já sabia que era daí que você vinha, era só para me certificar que você está a conseguir lidar com tudo o que se está a passar. As coisas por cá têm a tendência de, por vezes, ocorrer de maneira muito avassaladora. Por acaso, eu não tenho o hábito de acolher muitas entidades terrestres. Isso só tem tendência a acontecer em situações um pouco excepcionais. Existe por aí um número muito grande de meus semelhantes e há um grupo específico entre nós que geralmente se ocupa de vocês.

Então? O que é que se passa? Não rejeite a luz. Venha cá! Ainda agora estamos a começar e já começa com essas hesitações. Não se apoquente porque está no sítio certo, sou efectivamente eu quem o deveria receber. Parece que não estamos a iniciar isto nada bem! É preciso muita força de vontade, uma profunda concentração, se não o conseguir isto pode ser bastante complicado e até incómodo por vezes.

Eu ajudo um pouco, naquilo que posso, mas por norma só no início, depois o esforço terá de ser todo seu. Precisa de se empenhar mais. Liberte-se dos problemas, das dúvidas, das dificuldades, das suas limitações naturais, aqui isso tudo não é nada importante.

Ora cá estamos de novo!

Vamos então prosseguir, estávamos ainda no início.

Eu já sei de onde você veio. Veio da Terra. Vejo também que o seu espírito se encontra algo perturbado e confuso. É o costume. Iremos por partes para ajudar a resolver essa perturbação e confusão.

Quem sou eu? E onde estamos?

Essas devem ser as suas primeiras ou as principais dúvidas, é o que costuma acontecer a todos aqueles que por mim passam. Eu penso sempre que é tudo muito óbvio mas pelos vistos assim não é. Existem sempre muitas interrogações. A partir do momento em que todos aqui chegam precisam de se empenhar muito para que tudo corra de modo natural e por isso o resto é um tanto ou quanto descurado. É importante que se repare nos pequenos sinais, nas mais simples pistas, nos mais dissimulados indícios. Tudo aquilo por que passou nos últimos momentos até aqui chegar foi-lhe dando indicações precisas e preciosas sobre o seu destino. Compreendo que mesmo assim nem sempre é fácil chegar à conclusão certa.

Em cada sítio, por cada entidade que nos encontra e passa a conhecer, é-nos atribuído um nome, uma designação diferente. Tem muito a ver com a maneira como somos compreendidos e aceites pelas várias formas de intelecto existentes no universo. A ocasião na qual nos descobrem pela primeira vez, o modo como nos vêem, a forma como nos tentam explicar, o temor ou a admiração que nutrem por nós, tudo isto, mas muito mais do que isto, condiciona o nome que nos dão.

No planeta Kree somos designados de tocas sombrias, em Guadelco chamam-nos os turbilhões das sombras, em Talkar somos conhecidos como os remoinhos ameaçadores, em Pra Spiri apelidam-nos de vórtices do esplendor, o que devo acrescentar é uma designação muito inspirada, mas, como não há bela sem senão, em Ska Volmar chamam-nos de vórtices das trevas, o que é assaz infeliz.

Na Terra, no planeta de onde você veio, costumam designar-me, a mim e aos meus semelhantes, por buracos negros. É a denominação que aí nos foi atribuída há já muito, muito tempo.

No seu planeta tinham também o costume de fazer uma distinção entre dois tipos de buracos negros. Os estelares com origem na morte de estrelas e os primordiais, aqueles que sempre existiram. Essa distinção faz algum sentido, mas só até certo ponto. Atinge apenas o limiar de uma questão muito mais ampla que não está, por enquanto, ao vosso alcance. Todos vocês ainda estão longe de terem uma melhor e mais completa imagem da verdadeira realidade da nossa existência. De qualquer maneira, eu faria parte dos primordiais, se quisermos aplicar essa vossa classificação que é algo básica.

Então? Não fique tão surpreso. Pois é, buracos negros. Eu até acho que era mais ou menos óbvio. Depois de tudo o que já viu e sentiu, talvez fosse simples compreender e chegar até à conclusão mais evidente. Vocês é que quase nunca tomam atenção aos pormenores, aos detalhes das coisas. Chegam aqui tão confu-

sos e atrapalhados que muito do mais importante deixam-no passar sem se aperceberem de nada.

O que é que você faz aqui?!

Bom, isso vai ter de ficar para mais tarde. Espero que no final nem seja preciso eu dizer-lhe. Na realidade estou a contar com isso.

Como lhe disse vamos ficar juntos algum tempo; por isso acomode-se. Irei fazer o possível para que se sinta confortável. Tente relaxar, acolha sem medos a luz que lhe é proporcionada, isso vai ajudar a que esta caminhada seja concluída com proveito mútuo. Eu funciono em regime de multitarefa por isso não se surpreenda com algumas das coisas que se vão passar e que nós iremos contemplar em conjunto. Poderá ver-me em vários sítios aos mesmo tempo, a fazer várias coisas em simultâneo. Isso é normal. Uma das razões para tal é que aqui o tempo não passa de modo linear como você está habituado a que aconteça.

Vamos acomodar-nos aqui deste lado, neste canto. Veja bem que singular que a luz é aqui. Não acha extraordinário este brilho, este fulgor? Repare bem nas pequenas *nuances* que emanam da luz. Veja as cores. Parece-lhe que é tudo muito brilhante, ofuscante mesmo, indefinido, quase e só branco, mas se reparar bem verá que existe muito mais. Descubra as cores, os tons que de vez em quando salpicam a luz. Concentre-se, focalize e vai ver que consegue influenciar o que lhe aparece. Tudo aquilo que é capaz de observar tem muito a ver consigo.

Continuemos então.

Repare além ao fundo na escuridão fora da luz, contemple aquele ponto luzidio lá bem distante. Aquela mancha de luminosidade azul. Observe que alguma coisa se aproxima. É algo que você e os seus semelhantes nunca viram. Aliás tudo ou quase tudo o que irá manifestar-se por aqui será com certeza novo para si.

Está-se a aproximar. Ele vem com uma cautela ainda maior do que você vinha ainda há pouco quando aqui chegou.

Agora já está mais perceptível. Olhe com cuidado e com grande empenho. Tente perceber, compreender o que está a chegar até perto de nós. Sinta. Use a luz. Ela vai transmitir-lhe muito. Aprenda. Descubra como a usar em seu proveito.

Eu vou dar uma ajuda.

Aquela entidade que se aproxima de nós é um habitante do planeta Talkar, um Talkariano.

Acha-o invulgar?! Para mim já quase nada parece estranho depois de tanto tempo. Observe bem e verá que consegue encontrar várias semelhanças com alguns dos seres do seu planeta. Tem é de os combinar um pouco. Talkar é um planeta onde a superfície está coberta em cerca de noventa e nove por cento por elementos e compostos líquidos. O líquido principal, o mais abundante, aquele que compõe os vastíssimos oceanos, é um composto semelhante ao ácido nítrico ou *aqua fortis*.

Gosto muito desta segunda designação que era vulgarmente usada no seu planeta, tem uma bonita sonoridade e um forte impacto linguístico. Como acabei de mencionar, este líquido, que constitui a grande parte dos oceanos em Talkar, é apenas parecido com o ácido nítrico, não se trata do mesmo líquido mas tem muitas propriedades semelhantes. Os Talkarianos, e quando digo Talkarianos refiro-me à forma de vida mais evoluída a nível espiritual do planeta Talkar, vivem em permanente imersão nesse líquido. É muito importante que saiba que todos os seres que por aqui passam são sempre, e só, os mais evoluídos a nível espiritual dos respectivos planetas.

Mas não se assuste. Neste lugar quase nada lhe pode provocar desconforto a não ser que eu o permita. Eles vivem nesse líquido mas aqui não há sequer vestígios dele. Aqui ele não é preciso. Aqui todas as entidades podem existir em conjunto sem se porem em risco umas às outras. E eu sei que ele seria extraordinariamente perigoso para si. Fatal, na realidade.

Estávamos a começar a analisar o aspecto deles, não era?

Vamos então começar por descobrir um pouco mais sobre a fisionomia deles.

Repare naquela espécie de barbatana em forma de leque na extremidade inferior. Consegue vislumbrar? Ainda não está muito nítido, eu sei.

Aguardemos um momento.

Agora está bem melhor. Continuemos então.

Eles usam essa barbatana, de grandes dimensões, para se impulsionarem mas também como contrapeso para se equilibrarem quando estão parados, em especial quando adoptam uma posição mais erecta. É que eles deslocam-se na horizontal mas no resto das situações assumem uma posição quase sempre vertical.

Já reparou também naqueles outros membros mais acima em redor do corpo? Consegue perceber o que são?

Não, aquilo não são barbatanas. Mas são parecidos. São um pouco semelhantes a elas mas vão ficando cada vez mais finos conforme se afastam da parte central do corpo do Talkariano. E não são tão cilíndricos como se fossem braços, são mais similares a asas, mas são uniformes, muito lisos e bastante espalmados nas pontas. Efectivamente estou a compreender porque é que você pensou tratarem-se de barbatanas. Como é possível ver, possuem ainda nas extremidades uma espécie de pinças que lhes permitem manipular objectos com destreza. Além disso estas *barbatanas* – chamemos-lhe assim para ser mais fácil para si – são três e estão dispostas a distâncias idênticas entre elas ao redor do corpo.

Ah! Você tem razão! Agora que reflecto melhor sobre isso, a cabeça é deveras interessante. Aquela forma muito oval ligada ao resto do corpo por aquele estreito e longo pescoço é realmente engraçada.

Espero que já tenha reparado que eles têm no pescoço umas pequenas aberturas arredondadas. Já viu?

Um são entradas e outras saídas, pelas quais flui livremente o líquido onde eles vivem imersos. Isto está feito de maneira a que este possa ser usado – e vou mais uma vez utilizar uma ideia semelhante para que possa compreender – no processo de respiração deles. Contemple agora aqueles dois grandes olhos; eles têm possibilidade de se movimentar de forma independente um do outro. Os Talkarianos possuem uma visão muito apurada e podem ver em mais do que uma direção ao mesmo tempo. Trata-se de uma característica muito importante, crucial mesmo, dada a vasta imensidão dos seus oceanos. E a cor da pele deles, já reparou? Curiosa não é? Todos aqueles múltiplos tons de azul-claro, mais escuro na cabeça e que vão clareando até à outra extremidade do corpo. A cor, tão intensa na cabeça, parece esbater-se ao longo daquelas estrias que percorrem todo o seu corpo.

Bom, mas o mais importante para a nossa situação não será tudo isto. Repare na relutância dele em se aproximar da luz. É uma atitude muito pior do que aquela exibida por si há pouco. Ele pura e simplesmente não a vê porque não a quer ver. Trata-se de um espírito bastante perturbado. Vai precisar de algum apoio, mas é para isso que aqui estamos, todos nós. É preciso muita calma, habilidade e paciência, de maneira a que possamos conquistar a confiança dos nossos convidados e lhes consigamos incutir um sentimento de segurança necessário para podermos dar início à nossa tarefa.

Com muita pena minha, a quase totalidade daqueles que por aqui passam requerem um tremendo esforço de persuasão até que consigam abraçar a luz e sejam capazes de começar a percorrer, por eles próprios, o caminho que os trouxe aqui.

Este Talkariano, por exemplo, carrega consigo alguns traumas excessivamente árduos que já o apoquentam desde a sua idade mais jovem.

Vamos-lhe chamar Taiko para ser mais fácil eu poder contar uma sucinta e elucidativa história sobre ele.

Foi durante os primeiros anos da existência de Taiko que teve lugar um conjunto de acontecimentos os quais foram os mais marcantes em toda a sua vida. Este evento que irei relatar de seguida deve ser, no entanto, o mais importante de entre todos eles.



Estava um dia esplendoroso. Taiko apreciava a visão proporcionada pelo grande sol avermelhado, bem lá no alto do céu, com o seu intenso brilho que se derramava ao longo e pelo interior dos imensos oceanos. Esta assombrosa luz transmitia uma forte sensação de segurança e calor a ele e aos seus companheiros, durante toda aquela viagem de exploração que um grupo dos mais adolescentes tinha deci-

dido fazer. Vagueavam sem destino, cavalgando as correntes oceânicas, umas muito frias, outras mais quentes, umas muito rápidas, outras quase sem se dar por elas. Iam descobrindo tudo aos poucos e com uma enorme intensidade. Afinal nunca antes se tinham afastado muito da cidade onde haviam nascido e onde viviam com os seus progenitores, família, amigos e muitos outros desconhecidos. Quase tudo era novidade para eles. As diferentes plantas que vacilavam ao sabor das correntes, todas elas nunca antes vistas pelos seus olhos ávidos de conhecimento. Rodeavam-nas, tocavam-lhes, faziam-lhes festas e sentiam a sua frescura e as suas rugosidades. Por vezes elas pareciam responder, provocando-lhes pequenos sustos e obrigando-os a rapidamente se afastarem só para logo em seguida de novo se aproximarem delas desta vez ainda com mais curiosidade e redobrada cautela. Todas as rochas, pedras e imensas montanhas que formavam, muitas vezes, monstruosas cordilheiras submersas, pareciam luzir, impregnadas pela luz escarlate do sol. Muitas eram como sinais luminosos que atraíam de modo singular quase todos os seres vivos que por ali passavam. Outras pareciam sugerir o caminho a seguir tal como se se tratasse de brilhantes placas informativas ou setas indicadoras. Taiko e os seus amigos continuavam nesta viagem de descoberta e eram, em grande parte do tempo, acompanhados por uma miríade de outros seres que por vezes pareciam partilhar do seu fascínio por todas estas coisas novas que estavam a experimentar. Uns e outros olhavam, assimilavam, bailavam à volta das plantas, das rochas e de vez em quando à volta uns dos outros tentando conhecerem-se mutuamente. Durante um destes bailados um dos amigos de Taiko, quase sem se aperceber, afastou-se um pouco do grupo para seguir um trio de criaturas que o haviam fascinado de forma singular. Tratava-se de um conjunto de três pequenos seres que mais pareciam, cada um deles, esferas gasosas encerradas dentro de um globo transparente. No seu interior movia-se a ritmos inconstantes uma amálgama de algo semelhante a gases e líquidos de muitas cores que ora se misturavam intimamente, ora se separavam criando zonas coloridas perfeitamente delimitadas. No exterior, como que coladas ao globo, havia duas pequenas e triangulares barbata-nas. Era usando estes apêndices que estes seres se conseguiam movimentar e mudar de direcção. Por norma deslocavam-se com lentura mas por vezes aceleravam muito rapidamente e executavam mudanças de rumo de uma maneira alucinante. Ao tentar perseguir estes intrigantes seres, o amigo de Taiko, foi-se afastando cada vez mais e mais do grupo. A partir de certa altura as pequenas esferas pareciam já estarem incomodadas com esta perseguição e aproximaram-se a grande velocidade de um conjunto de enormes rochas. Pareciam ir estatelar-se de encontro a elas, quando, no último momento, se colocaram em fila em frente a uma pequena e estreita abertura vertical entre duas das rochas. De seguida encolheram e alongaram a sua forma de modo a conseguirem passar pela abertura e, uma a uma, rapi-

damente desapareceram. O Talkariano vinha também a grande velocidade atrás delas mas, surpreendido com o modo como elas se tinham furtado à sua perseguição, não parou a tempo e foi de encontro às rochas com alguma violência. Com o impacto várias rochas movimentaram-se, outras quebraram pequenas partes e outras ainda caíram atingindo o amigo de Taiko, entalando-o. Ele não ficou muito magoado mas estava preso de tal modo que não se conseguia libertar sozinho. Esperou um pouco que a sedimentação provocada pelo movimento das rochas assentasse e olhou em várias direcções procurando pelos seus amigos. Não os conseguia avistar em sítio nenhum. Tentou chamar por eles mas começava a sentir-se fraco demais para o fazer. O medo de não conseguir alertar nenhum deles para a sua situação, e por causa disso ficar para sempre ali preso, começou a aparecer. Os seus olhos tiravam o máximo partido da sua capacidade de ver em direcções diferentes ao mesmo tempo, rodopiando desenfreadamente mas quem ele queria ver, não via. O desespero começava a habitar a sua jovem mente. O que poderia ele fazer para sair dali? Nada. Parecia ser a resposta. Estava preso por rochas que eram muito pesadas e que de maneira nenhuma ele sozinho conseguiria movimentar. Tudo tentou mas nada conseguiu. Concentrou-se então em tentar arranjar forças para poder chamar pelos seus amigos durante o maior período de tempo possível. Afinal eles acabariam por notar a sua ausência e se, quando isso acontecesse, não estivessem muito longe, havia grandes hipóteses de o ouvirem e encontrarem. Assim fez e periodicamente chamava pelos seus amigos usando toda a força de que conseguia dispor. Passou-se algum tempo. A esperança tinha começado a diminuir quando surgiram por detrás das rochas, vindos por cima dele, Taiko e o resto do grupo. Taiko, como era o mais velho, tomou a liderança das operações que empreenderam de imediato para libertarem o amigo. Não demorou muito. Todos juntos e com a orientação de Taiko foi até bastante simples. Dividiram-se em dois grupos. Um grupo conseguiu fazer rolar as rochas que prendiam o jovem enquanto outro grupo o protegia de modo a que não fosse atingido pelas rochas em movimento. O jovem depressa ficou livre. Não tinha ficado quase nada magoado mas mesmo assim Taiko convenceu-o a retornar à cidade de modo a que pudesse cuidar das poucas feridas com que tinha ficado. Ele assim fez e foi-se embora acompanhado por dois amigos os quais Taiko também escolhera de entre o grupo todo.

Taiko estava muito satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos pois tinha estado à altura das suas responsabilidades como o mais velho do grupo. Tudo tinha funcionado bem sob a pressão do evento. Os restantes membros do grupo esperaram um momento enquanto observavam o trio afastar-se. Depois prosseguiram com a viagem exploratória.

Tinham já percorrido uma considerável distância e encontravam-se agora longe de qualquer sítio que alguma vez tivessem visitado a sós ou com algum dos mais

idosos familiares ou amigos. Deslocavam-se muito perto da superfície do oceano, a poucos centímetros de profundidade e Taiko reparou em algo estranho que se encontrava a algumas dezenas de metros à sua frente. Aproximaram-se todos com extrema cautela. Tratava-se de uma montanha de consideráveis dimensões em que a parte superior saía muito para fora do líquido do oceano. Subia na direcção de um céu limpo que quase cegava devido ao brilho da luz do sol que o enchia. Era uma ilha. Não era muito grande pois todos eles demoraram somente uma meia dúzia de minutos a deslocar-se à sua volta a baixa velocidade. Não o tinham feito de modo mais rápido porque não queriam perder a hipótese de assimilarem a maior quantidade possível de detalhes. Nunca nenhum deles tinha visto tal coisa. Lembravam-se de algumas histórias contadas pelos mais velhos onde se falava com apreensão sobre estes pequenos pedaços de rochas e montanhas que por vezes, mas muito raramente, se erguiam fora dos oceanos. Foi só devido a isso que reconheceram aquilo que estava perante eles. Esses contos eram sempre muito sinistros. Falavam de acontecimentos desagradáveis que tinham ocorrido com alguns que haviam ousado aproximar-se demasiado de tais sítios. Mas os pormenores destas histórias eram sempre muito escassos. A mensagem que se procurava implantar na mente dos mais jovens era a de que estes lugares eram para evitar a qualquer custo. Destes sítios só vinham coisas malignas e prejudiciais e por isso sempre que surgisse ao longe o mais pequeno sinal de uma destas ilhas esse caminho deveria ser interrompido e optar-se por uma nova direcção. Era no entanto importante fixar o local onde esta ilha se encontrava para que essa informação fosse transmitida aos outros de modo a que no futuro todos pudessem afastar-se de tal percurso. O porquê concreto de toda esta prudência era omitido de maneira que parecia propositada. Eram sítios muito perigosos e isso devia ser o suficiente para que fossem evitados a todo o custo.



Então? Não se apoquente. Vai ver que apesar das aparências isto não vai ser muito complicado para eles e para si ainda será menos. Não se desligue da luz. Não desista agora. Mantenha-se no seu caminho e continue comigo, continue a partilhar e a usufruir desta experiência, é importante.



Estes encontros com as ilhas não eram muito frequentes. O planeta é bastante grande, quase quatro vezes maior do que o seu. E também já lhe disse que a percentagem de terreno seco é deveras pequena. Para ajudar a tudo isto essas partes estão estilhaçadas em pequeníssimas porções todas muito longe umas das outras. Por fim os Talkarianos também não são muito dados a viagens exploratórias como era o caso. Vivem em pequenas comunidades bastante fechadas e isoladas umas das outras e usam sempre os mesmos caminhos das poucas vezes que se deslocam

entre elas. Tudo isto faz com que seja extremamente raro que estes encontros se dêem. Por todas estas razões a cautela era normalmente levada a extremos e Taiko observou tudo com muita atenção. Examinou em especial aquilo que conseguia avistar fora do oceano, tudo o que se encontrava na ilha e que parecia fazer parte de um mundo diferente do seu. Era árduo conseguir entender o que via. As coisas dentro dos oceanos tinham um modo diferente de se mostrarem. Ali ele via-as através do oceano mas elas estavam fora deste e tinham um brilho que quase o ofuscava. As formas também pareciam mais estáveis e menos difusas. Com muito esforço conseguiu reconhecer algo que lhe lembrava algumas das plantas que costumava ver no mar. Mas eram, no entanto, tremendamente diferentes e isso assustou-o. Deu meia volta, afastou-se um bocado da ilha e mergulhou mais fundo. Distanciou-se mais um pouco e ao olhar para o lado reparou que todos os outros que estavam consigo e o haviam acompanhado na viagem tinham parado e o olhavam admirados e apreensivos. Sentiu-se envergonhado. Afinal era o mais velho do grupo mesmo que as diferenças de idade de todos eles fossem muito reduzidas. Juntou um pouco de coragem e voltou a aproximar-se da ilha. Com muita cautela acercou-se de uma minúscula praia de areia castanha. Estava muito próximo do fim do oceano e já quase se encontrava fora deste. Abeirou-se ainda mais da praia, sempre receoso. Continuava a ter uma grande dificuldade em ver e em perceber aquilo que via na ilha. O brilho das coisas era muito intenso. Não se conseguia olhar para elas durante o tempo necessário para as entender. Quando estava já no limite da aproximação possível à ilha apercebeu-se de um objecto estranho do seu lado direito, a meia dúzia de metros de distância, e que lhe pareceu ser uma grande rocha de forma oval, talvez umas cinco vezes maior do que ele. Era também castanha como a areia da praia mas aparentava ser muito lisa, sem sulcos ou rugosidades. De um dos lados, perto da extremidade que estava mais próxima do oceano, era possível reparar numa zona quase circular mais escura e uma outra em baixo junto da areia, estreita e comprida mas igualmente escura. A rocha era continuamente tocada por umas suaves ondas que emanavam do oceano. Taiko flutuou ligeiramente para o lado até se encontrar muito perto dela de modo a poder observá-la com mais minúcia. Olhou com cautela. De súbito a mancha circular abriu. À mostra ficou um imenso olho que o fitou de maneira esfomeada. O ser esticou com grande ligeireza, uma comprida pata prendendo a barbatana de Taiko que se encontrava mais perto dele. Taiko admirou-se mas depressa se apercebeu que tinha de agir com rapidez. O ser movimentava-se agora na sua direcção e uma abertura que se assemelhava a uma boca delineava-se por debaixo do olho que, enquanto isso, não o perdia de vista. Os companheiros dele estavam surpreendidos e imóveis. Taiko tentava energicamente libertar-se mas o ser segurava-o cada vez com mais firmeza. Foi então que o mais novo de entre todo o grupo que estava com Taiko indicou aos outros que se

aproximassem o mais que pudessem do ser, sem correrem riscos desnecessários, e que provocassem a maior tormenta que lhes fosse possível no oceano. Quase de imediato todos assim fizeram. O ser, o habitante da ilha, ficou algo surpreendido com estes movimentos e com as ondas que surgiram de repente, assim como com todo o frenesim que surgira à sua volta. No entanto não libertou a barbatana pela qual continuava a prender com firmeza Taiko. Seguindo, mais uma vez, a orientação do mais novo do grupo todos abrandaram os movimentos e se imobilizaram, ficando assim perfeitamente visíveis aos grandes olhos do ser e proporcionando-lhe agora múltiplos alvos. Este ao ver tamanha fatura mostrou-se indeciso mas bastante interessado. Hesitou por mais um instante durante o qual todos olharam para ele com receio e, por fim, numa sucessão de gestos muito rápidos libertou Taiko, esticou bastante as patas da frente e lançou-se ao oceano tentando agarrar o maior número possível dos seus companheiros. Taiko, na sequência destes movimentos inesperados, encontrava-se agora livre e afastou-se a grande velocidade até uma distância que lhe pareceu segura. Aí chegado parou e olhou para ver o que se passava com todos os outros que, com extrema coragem, tinham acabado de o ajudar. Viu o ser a tentar agarrar vários deles, movimentando-se com uma elegância e ligeireza que contrariavam o que faziam prever o enorme tamanho e aspecto pesado que tinha. Foi com relativa e surpreendente facilidade que o ser conseguiu prender com as suas longas patas dianteiras dois dos companheiros de Taiko. Enquanto estes se tentavam agora libertar e pediam com desespero ajuda, todos os outros pararam a uma distância que parecia segura formando um semi-círculo em redor do ser da ilha. Estavam novamente paralisados sem saber como deveriam agir. Um pouco mais distante estava Taiko e num ápice todos olharam de novo para ele na expectativa que ele tivesse uma solução, uma ideia que fosse capaz de resolver o problema e salvasse os dois companheiros de aventura que pareciam estar condenados. A tradição e os costumes diziam que era da responsabilidade dos mais velhos solucionar este tipo de situações. Taiko, no entanto, estava parado, imobilizado com o terror que ainda sentia devido ao que lhe tinha sucedido momentos antes. O ser começou lentamente a dar meia volta com o intuito de retornar à praia levando consigo as duas presas que não desistiam de se tentar libertar. Mais uma vez foi o mais novo do grupo que se apercebeu com a rapidez necessária que Taiko não iria reagir em tempo útil e tomou a iniciativa. Avançou a elevada velocidade na direcção do ser e, usando todo o corpo, embateu com a maior violência que lhe foi possível. Apesar da repercussão da colisão não ser muito grande, foi o suficiente para causar uma ligeira distração e uma desconcentração momentânea ao ser da ilha. Tal permitiu aos companheiros de Taiko, que estavam presos pelas patas, libertarem-se e fugirem apressadamente. Por causa da colisão, algo violenta, o mais jovem dos Talkarianos ficou um pouco atordoado e desorientado e, por isso, não conseguiu

fazer nada quando o ser se voltou para ele e com um simples e prático movimento lhe abocanhou a cabeça causando-lhe morte imediata. Taiko e os outros ficaram incrédulos e estáticos. Não conseguiam aceitar nem acreditar naquilo que tinham acabado de presenciar. A criatura encaminhou-se para a praia com o companheiro deles pendurado na boca. Não mais ligou a qualquer um dos outros. Parecia ter encontrado aquilo que procurara. Não havia nada mais a fazer. Olharam todos de maneira triste e condenatória para Taiko. Queriam manifestar-lhe o seu desagrado mas nada conseguiam dizer. Era difícil exprimir algo naquela altura. Depois de confirmarem que a criatura tinha voltado à ilha e já não era uma ameaça para eles, iniciaram o percurso de volta à cidade subaquática. Iam com a lentura própria de quem não queria voltar por não saber o que dizer a todos os que os esperavam e em especial aos familiares do amigo desafortunado. Taiko ia alguns metros atrás de todos. Pela sua mente passavam torrentes de pensamentos. Como iria ele conseguir ultrapassar tudo o que se passara? Como iria ele encarar a comunidade depois de tudo o que tinha acontecido? Alguém iria compreendê-lo? Alguém iria desculpá-lo? Quem o iria ajudar a aceitar e a ultrapassar o trauma deste cruel evento? Será que existia alguém que quisesse ou fosse capaz de o ajudar?

O tempo ia passando penosamente. A viagem de volta era longa, e mais longa se tornava por causa da lentidão com que o grupo se movimentava. Taiko aproveitava para tentar criar alguma ordem no seu espírito. Esforçava-se por tirar as ilações possíveis desta calamitosa aventura. Percebeu algumas coisas, teve algumas ideias de como as coisas funcionam na realidade. Estar no topo da cadeia espiritual era diferente de estar no topo da cadeia alimentar. Pelos vistos existe sempre a hipótese de aparecer alguém mais forte e maior do que nós ou que seja mais astuto, independentemente de ser, parecer ser, ou mesmo não ser, mais desenvolvido a nível mental. É necessário estar em constante alerta. Não é preciso estar sempre em alerta máximo mas sim manter um grau de atenção e vigilância elevados. Estas terão de ser independentes, mas devem ao mesmo tempo ser concorrentes com o resto das coisas, mesmo as mais mundanas, em que estamos ocupados. Aquele costume, imbuído desde a mais tenra idade em todos os membros da espécie, de que os mais velhos devem salvar os mais novos, protegendo-os de tudo, mesmo o impossível, chegando a dar em troco as suas vidas em casos extremos, não funciona para a totalidade dos indivíduos e em todas e quaisquer das situações. Isso ele percebeu com uma interminável rapidez, e sentiu-o da forma mais dura imaginável. As tradições são para se quebrar e mudar. É preciso, por vezes, fazê-las progredir e nem todos têm de as seguir à regra. Talvez devam pelo menos conhecê-las e respeitá-las, saber quando elas estão certas e podem ser aplicadas e também ter a coragem de as rejeitar ou as adaptar quando novas situações se apresentam. É preciso evoluir. E não se pode confundir coragem com impetuosidade ou mesmo insensa-

tez. Também nenhuma destas características se adquire ou perde com o passar dos tempos, com o avançar da idade. Elas estão lá, inatas, é necessário treiná-las, expandi-las, ou em alguns casos contê-las. São episódios como este que mais contribuem para que tais modificações se processem. São eles que moldam as nossas opções futuras e influenciam indubitavelmente os caminhos a percorrer durante toda a existência. Curiosamente foram os familiares e alguns dos amigos mais próximos do jovem desafortunado que mais ajudaram Taiko durante os difíceis primeiros tempos que se seguiram ao retorno da infeliz viagem de exploração. Foram eles os primeiros a compreender melhor a situação e a conseguirem tornar sofrível, no mínimo, aquela sucessão de dias que ele sentia serem todos insuportáveis e que atingiam com facilidade os seus limites de encaixe emocional.



Está com algumas dificuldades em perceber e aceitar algumas destas coisas, não é?

É natural. São coisas que mexem connosco, que nos tocam internamente, que sempre nos dizem muito. Absorva, entranhe com especial cuidado todas estas emoções e sentimentos. Elas vão ajudá-lo bastante. Existe um pormenor que o não é e que o poderá ajudar a entender algumas destas reacções.

O jovem morto pela criatura era o melhor amigo de Taiko. E vice-versa. Eles eram mais do que irmãos apesar de geneticamente não o serem. Assim como houve alguns que conseguiram aceitar o que se tinha passado, outros houve que de tal não foram nunca capazes. Taiko foi um destes últimos. Aos poucos tornou-se um pária dentro da sociedade que ele tanto prezava. Procurou em vão colmatar aquilo que ele continuava a sentir ter sido, de algum modo, uma falha. Tudo o que fazia tinha de ser decidido tendo em conta o sucedido. É verdade que em várias ocasiões retirou partido dessa opção mas muitas mais houve onde tal não aconteceu e o seu afastamento gradual da sociedade, a sua marginalização, foi a mais nefasta consequência das opções tomadas. Os caminhos percorridos não podem ser considerados apenas como os certos ou os errados. São simplesmente, sem haver nada de simples nisso, aqueles que foram percorridos. É preciso aceitá-los, ter a percepção correcta das opções tomadas, ter a capacidade de julgar sem preconceitos e com o espírito aberto a novas possibilidades e a novas sensibilidades.

É por isso que Taiko, assim como todos aqueles que por aqui passam, não estão aqui para serem julgados. Esta ideia é também para si. Nós existimos para ajudar. Ajudamos naquilo em que aqueles que por aqui passam necessitam de ajuda, naquilo que eles pensam que precisam de ajuda e também em tudo aquilo em que eles não sabem que precisam de ajuda. Existem, no entanto, vários tipos de necessidades. Há mesmo aqueles que não necessitam de nada de nós, ou dizendo de outra maneira, eles continuariam a subsistir mesmo que nós não existíssemos.

Mesmo assim é preciso que por aqui passem de vez em quando. São entidades que desfrutaram, desfrutam e muito seguramente irão desfrutar da sua existência de um modo pleno. Sempre que por cá passam usufruem de tudo o que nós lhes podemos proporcionar de modo mais intenso para, ainda assim, procurar acrescentar algo às suas capacidades. São seres que vivem na luz, com a luz e para a luz. A nossa enganadora nebrura, as nossas famosas trevas, o nosso aparente vampirismo cósmico não os inquieta. Eles sabem o que são e compreendem o que nós somos. São os únicos a serem capazes de tal amplitude espiritual. E são muito mas mesmo muito poucos. As suas passagens são acontecimentos singulares com intervalos de tempo astronómicos entre si. Depois temos outros. Os que começam sem a luz. Principiam na escuridão ou num cinzento deveras indefinido. É um lugar sem formas, sem marcas, sem carácter, sem cheiro. Estes costumam levar um colossal número de passagens até começarem a vislumbrar a mais pequena luminosidade. São espíritos inquietos, com extrema dificuldade em acreditar que é possível progredir e mesmo ultrapassar as barreiras intransponíveis, pelo menos durante a maior parte do tempo que partilham connosco. É um processo moroso que requer muita força, determinação e paciência. Eventualmente eles começam a aproximar-se do seu destino e acabam por ser capazes de aceitar a luz, outras vezes não. Mas é normal que este seja um caminho deveras longo. Temos também os antagónicos aos primeiros de que lhe falei. Se os primeiros assimilam e abraçam a luz estes outros apropriaram-se das trevas. É aí que se sentem bem, que conseguem existir. Estes, sempre que por cá passam, tentam converter-nos, mas como de tal não são capazes, desenvolvem sempre hábeis maneiras de atingir alguns dos outros que por cá se encontram nessas alturas. E por vezes, embora raramente, conseguem-no. Felizmente que a passagem de tais entidades é tão ou mais rara do que a dos primeiros que referi, e dos quais são, provavelmente, os seus fiéis opostos. No entanto o nosso empenho é constante e não esmorece. Só que nós não fazemos escolhas por ninguém. Podemos orientar, apontar caminhos, mas a escolha e as opções finais são sempre da responsabilidade da entidade que a nós se apresentou. Mais raro ainda do que tudo o que já referi, são as alturas em que, apenas numa passagem por cá, uma entidade que sempre viu a luz se transfigura numa entidade que sempre viu as trevas ou vice-versa. Tais situações são acontecimentos decisivos que moldam o nosso universo e mesmo nós não temos a capacidade de os interpretar. E por fim temos as entidades como o Taiko. Estas representam o maior número de visitas que nós temos. São aqueles que iniciam o seu percurso de modo indefinido. Nem luz nem trevas. É aqui que reside o nosso principal desempenho. Trata-se do repto mais habitual e é quase, quase sempre, possível ajudar. Poderá parecer ser a menos importante de todas as hipóteses mas na verdade é exactamente o contrário.

É nestas alturas em que nos é possível ajudar numa tão grande infinidade de situações que nós fundamentamos a nossa existência.

Taiko continua ali ao fundo comigo. Você continua aqui comigo. Continue a desfrutar desta experiência. Existe sempre algo para assimilar. Tudo isto faz parte desta sua passagem pelos meus caminhos.

Não é a primeira vez que recebo Taiko embora neste momento ele não tenha consciência de tal. Ele faz parte daqueles que entranham em demasia quase todas as contrariedades que lhes ocorrem. O evento é colocado a um nível excessivo de importância e por isso torna-se muito árduo percorrê-lo. Aos poucos ele tem vindo a alterar a sua postura mas tem-no feito de um modo de que ele próprio quase não se apercebe. Vai ser necessário ainda um longo percurso até que ele seja capaz de lidar de forma diferente com este tipo de situações. Pode parecer desagradável para nós, termos de lidar, por vezes, com um número quase infindável de ocorrências semelhantes e que parecem não conduzir a lado nenhum. É só aparência. A realidade é diferente. Há sempre uma mudança, pode é ser em sentidos diferentes. Faz tudo parte de uma evolução.

Parece-me que Taiko está prestes a terminar esta sua passagem. Repare na aura dele. Observe a luz de cor indefinida que ela irradia. Veja as transmutações pelas quais ela passa. Sinta o seu toque, sinta-o apenas, não o guarde. Agora deixe-o continuar, passar através de si.

Ele está a começar a afastar-se. Cada vez mais e mais. Tudo à sua volta se torna difuso. Ele neste instante já se confunde na totalidade com a luz. Ela torna-se menos activa e cada vez fica mais longínqua.

É agora já quase imperceptível. Lentamente ela está a confundir-se com o fundo, com o infundo espaço cósmico. Dentro em pouco não a vamos conseguir distinguir.

Pronto, aí está. Taiko prosseguirá uma vez mais o seu destino.

Existe alguma confusão em si?

É normal e importante que tal aconteça. O principal é que seja capaz de se interrogar sobre as coisas. Não as aceite por si só. A capacidade de se auto-questionar é essencial à sua mudança. Tenho esperança que por esta altura já tenha, pelo menos, uma pequena ideia do porquê da sua passagem por este local. Sinto que consegui compreender que tudo aquilo que por aqui passou tem uma relação consigo apesar de ela não ser a maior parte das vezes muito óbvia. Todos temos de apreender sempre alguma coisa das nossas experiências sejam elas de que espécie forem. Você está aqui também com as suas dúvidas e dificuldades. Este é um lugar propício à reflexão e à inquisição do próprio ser. Tudo aquilo pelo qual passou na Terra faz parte de si e do seu percurso. As incertezas que o assolaram, as decisões difíceis que por vezes não teve sequer a opção de partilhar tornam em

muitas ocasiões a existência bastante árdua. Aqueles pensamentos que atacam o seu intelecto colocando em causa se a existência vale a pena, se não é mais fácil e transparente a não existência, se tudo será mais simples para todos se você se descontinuar, serão esses, porventura, os pensamentos que mais justificam a sua continuidade, a sua luta, a tentativa de compreender as coisas e fazer os outros alcançarem essa mesma compreensão. Eu sei, que tudo aquilo que aquela outra espécie que se julga superior e com a qual vocês partilham o vosso planeta, fez e faz aos seus semelhantes, aos seus amigos, à sua família, é difícil de aceitar. São pouco frequentes as situações em que as coisas certas são colocadas em primeiro lugar. O instinto de auto-preservação é muito forte e provoca uma forte e compulsiva cegueira sobre as situações em que ele se sobrepõe ao bem comum ou à tomada da opção mais avançada que pode ser contrária a esse mesmo instinto. Tomar decisões que colocam em causa a continuidade existencial de algumas entidades por puro ego-centrismo tornará tudo mais arriscado e potenciará o aparecimento de uma resposta da mesma magnitude. Não se inteirar da coexistência de outros seres conscientes de si próprios e com evolução mental que poderá ser superior à sua, conduzirá certamente a muitas dificuldades para ambos os lados se não levar ao falhanço completo do caminho que se estava a percorrer. Por estas e muitas outras considerações é razoável admitir que é preciso encontrar meios de comunicação que permitam uma evolução. Não importa que essa evolução seja rápida ou curta na sua duração. O importante é que seja sólida, resista às provas menos esperadas mas, ao mesmo tempo, esteja aberta à mudança e ao crescimento.

Está a chegar a altura de nos separarmos.

Sei que aproveitou bastante este tempo para se aperfeiçoar. Quem por aqui passa nunca desperdiça a oportunidade, seja qual for o seu objectivo. É preciso que se questione sobre as experiências que aqui sentiu. Ponha-as à prova, faça-as amadurecer e evoluir, usando-as para alterar a situação dos acontecimentos no seu planeta. A situação lá é difícil mas existem sempre vários caminhos possíveis e nada nem ninguém sabe à partida qual deles é o mais vantajoso, em especial quando se confrontam duas espécies que têm de ser capazes de coexistir com proveito mútuo.

Agora vai ter de se desprender da luz.

Eu sei que é estranho depois de tudo o que fiz ao início para o convencer que a opção pela luz era a melhor.

Liberte-se aos poucos. Deixe-se flutuar. Esvazie o seu espírito e encontre o caminho a seguir.

Para onde vai?!

Isso você é que sabe, eu mesmo que quisesse não saberia qual é o seu destino.

O que leva daqui?!

Cada um leva consigo aquilo que quer. Tudo será difícil. Mas qualquer uma das outras medidas é perfeitamente viável.

Respostas?!

Não. Cada um encontra as suas. Eu não lhas consigo dar.

Vá meu caro, vá, continue o seu caminho, prossiga a sua existência. Liberte-se agora da luz mas não se preocupe que ela o irá sempre procurar.

Deixe-se esbater na noite eterna do cosmos. Liberte as suas amarras e verá que muito em breve contemplará de novo a luz. A luz do início.

Até sempre.

Espécie intrigante, esta dos golfinhos... ☞

Colecção Argonauta

de Ricardo Loureiro

“Os grandes romances de ficção científica. Em cada livro uma descoberta”. Nestes termos se apresentava a colecção Argonauta da editora Livros do Brasil que iniciou vida em Novembro de 1953 e regularmente, mês após mês, publica títulos de FC. É, actualmente, a mais antiga colecção de ficção científica em Portugal e indubitavelmente é por muitos recordada com carinho e afeição, embora as gerações mais novas a desconheçam ou, quanto muito, “ouviram já falar” dela.

Embora oficialmente ainda não esteja extinta, a periodicidade de edições que outrora era de um livro por mês foi decaindo a partir do início da década de 90. À data deste texto a última edição era de Dezembro de 2003.

Pondo de lado as considerações técnicas sobre a qualidade das edições, é evidente que esta colecção encerra em si um enorme potencial nostálgico que a envolve numa aura quase lendária. Desde a descoberta de autores fulcrais da *Golden Age* passando pelas capas icónicas de Lima de Freitas a Argonauta foi subsistindo durante mais de 5 décadas no panorama algo convoluto das publicações portuguesas. Num país onde muitas editoras surgem e desaparecem com uma regularidade alarmante, sem deixarem rasto, ou onde colecções temáticas aparecem e desaparecem sem alcançarem sequer o número 50, a Livros do Brasil teve a coragem de manter a Argonauta à tona, não sendo portanto de admirar o número 550 inscrito na lombada do último livro publicado.

Foi nesta colecção que descobri a Ficção Científica. Se David Hartwell defendia no seu **Age of Wonders** que a “idade de ouro da FC é aos 12” eu terei começado um pouco mais cedo aos 9 anos e tendo entrado de cabeça na “fase omnívora”, lia sem preocupações de qualidade estética ou outras. O que eu queria era ler e ler e ler. Hoje saudosos e longínquos são os tempos em que num certo Verão li mais de 40 livros Argonauta em pouco mais de duas semanas de férias. Saía de manhã na camioneta para Sesimbra com dois livros na sacola, terminava o segundo um pouco antes do jantar e perto da hora de deitar já ia avançado no terceiro.

Quando frequentava o Ciclo usava o dinheiro que supostamente deveria ser para pequenos-almoços e lanches na aquisição de números atrás de números da colecção. Comprava-os na livraria do Diário de Notícias no Rossio ou na Bertrand da Rua Garrett, ambas em Lisboa. Nesta última livraria a colecção estava encafuada na quarta sala numas prateleiras escondidas atrás dumas mesas onde ostenta-

vam os últimos *best-sellers* da altura. Custavam, salvo erro, 30 escudos, o que à época era uma quantia considerável para um rapaz de 10 anos. Calculem portanto a quantidade de lanches de que tive de abdicar. Mas que era a vulgar alimentação proteica e vitamínica quando comparada com o alimento da imaginação e do espírito? Com um Argonauta podia visitar as luas duma distante galáxia, ou submergir nos mais profundos oceanos dum planeta da constelação de Sirius, podia ser testemunha de conflitos intergalácticos demasiado épicos para serem ensombrados pelas tristes sandes que eu escamoteava à minha alimentação.

Alguns anos depois comecei a trabalhar e um novo mundo abriu-se perante as possibilidades oferecidas por um salário, mesmo que mínimo. Descobri o mercado de livros usados! Lembro-me que na Praça do Comércio, então ainda não afectada pelas aparentemente eternas obras do Metropolitano, havia um senhor que montava tenda encostado ao antigo edifício da Bolsa de Valores e em cima dum pano colocava filas e filas de números antigos. Foi lá que comprei o **Vale da Criação**, e **Regresso às Estrelas** do Edmond Hamilton. Também lá descobri a maior parte da obra de Clifford Simak, de Heinlein e de van Vogt. E alguns meses depois descobri o alfarrabista das Escadinhas do Duque (à Praça da Misericórdia) onde um vasto espólio de Argonautas que recuavam aos anos cinquenta se oferecia aos meus olhos e mãos gananciosos de mais e mais números. Já me movia o espírito colecionador! Para mais depressa poder adquirir os escassos números decidi começar a “falhar” algumas refeições para poder juntar mais dinheiro. Sim, porque números antigos da Argonauta chegavam a custar o dobro das edições recentes. Foi nas Escadinhas do Duque que adquiri **A Nave Invencível** de Stanislaw Lem e o quase mítico número 263, **Mundo Sem Morte** de Philip José Farmer, primeiro volume da série **Mundo do Rio**, cujo segundo e terceiro volumes eu devorara anos antes nas viagens entre a Cruz de Pau e a Praça de Espanha e ansiava desde então por conhecer o início da soberba aventura de Richard Burton, Samuel Clemens, Hermann Goering, Alice Hargreaves e outros. E assim fui passando os anos entre as Escadinhas do Duque, a Praça do Comércio e mais ocasionalmente A Barateira na Rua da Trindade. Isto para além de continuar a comprar mês após mês os novos títulos. Embora as Publicações Europa-América já tivessem lançado a série FC da colecção Livros de Bolso, a Argonauta continuaria a ter um lugar cativo nas minhas preferências. Chamem-lhe sentimentalismo, chamem-lhe nostalgia. Chamem-lhe o que quiserem mas foi com os livros da Argonauta que passei a minha adolescência, foi com eles que fugi a um quotidiano triste, duro e amargo. Foi com a Argonauta que aprendi a ver para lá das aparências. Foi com a Argonauta que aprendi a força fenomenal da *história* em forma pura e não adulterada. Mesmo com as traduções pouco rigorosas, mesmo com as frequentes gralhas tipográficas, mesmo com os livrinhos a desfazerem-se nas mãos, a *história* sobrevivia, e vinha ao de cima ter com o leitor, pegar-lhe na

mão e convidá-lo a entrar num mundo diferente, por vezes terrível, por vezes fascinante, mas sempre maravilhoso!

Deixo-o portanto com a listagem completa dos títulos lançados na colecção, esperando que esta breve memória tenha despertado em si o desejo de descobrir esta mítica colecção e os seus ainda mais míticos autores. Boa viagem! ✂

Número	Título	Autor	Título original
1	Perdidos na Estratosfera	A. M. Low	Adrift in the Stratosphere
2	O Estranho Mundo de Kilsona	Festus Pragnell	The Green Man of Graypec
3	A Última Cidade da Terra	Edmond Hamilton	City at World's End
4	A Nave Sideral	Murray Leinster	The Last Space Ship
5	O Universo Vivo	Jimmy Guieu	L'Univers Vivant
6	O Mundo Marciano	Ray Bradbury	The Martian Chronicles
7	Inconstância do Amanhã	F. G. Rayer	Tomorrow Sometimes Comes
8	O Veneno de Marte	Paul French	David Starr: Space Ranger
9	Missão Interplanetária	A. E. van Vogt	The Voyage of the Space Beagle
10	Exploradores do Universo	Jon J. Deegan	Antro, the Life-Giver
11	O Homem que Vendeu a Lua	Robert Heinlein	The Man Who Sold the Moon
12	Os Humanóides Atacam	Bryan Bery	From What Star
13	O Cérebro de Donovan	Curt Siodmak	Donovan's Brain
14	Indómito Planeta	Roy Sheldon	The Metal Eater
15	O Mundo em Perigo	R. C. Tubb	World at Bay
16	Sentinelas do Universo	Erik Frank Russell	Sentinels from Space
17	Regresso à Pré-História	J. Leslie Mitchell	Three Go Back
18	O Homem Ilustrado	Ray Bradbury	The Illustrated Man
19	Caminhos do Espaço	Charles Eric Maine	Space Ways
20	A Sexta Coluna	Robert Heinlein	Sixth Column
21	As Correntes do Espaço	Isaac Asimov	The Currents of Space
22	Vigilância Sideral	Pierre Versins	Les ettoiles ne s'en Foutent pas
23	Slan	A. E. van Vogt	Slan
24	A Tentação Cósmica	Roger Sorez	La Tentation Cosmique
25	O Reino das Mulheres	Jerry Sohl	The Haploids
26	A Idade de Ouro	Arthur C. Clarke	Childhood's End
27	O Planeta 54	Albert e Jean Crémieux	Chute Libre
28	Futuro do Mundo	Isaac Asimov	Fable in the Sky
29	Loucura no Universo	Fredric Brown	What Mad Universe
30	Gerações do Amanhã	Robert Heinlein	Beyond This Horizon
31	Xadrez Cósmico	A. E. van Vogt	The World of Null-A
32	Robinsons do Cosmos	Francis Carsac	Les Robinsons du Cosmos
33	Fahrenheit 451	Ray Bradbury	Fahrenheit 451
34	Guerra no Tempo	Clifford D. Simak	Time and Again
35	O Homem Demolido	Alfred Bester	The Demolished Man
36	Os Corsários do Espaço	Paul French	Lucky Starr and The Pirates of the Asteroids
37	As Cavernas de Aço	Isaac Asimov	The Caves of Steel
38	A Invasão dos Marcianos/Não Apontem aos Marcianos	Pierre Versins	En Avant Mars
39	Estrela Dupla	Robert Heinlein	Double Star
40	O Síndico	C. M. Kornbluth	The Syndic
41	Tiranos da Terra	Christian Sussel	Les Voyants
42	Mundos Simultâneos	Clifford D. Simak	Ring Around the Sun
43	A Cidade da Ciência	Maurice Vernon	Les Savants dans l'Aréne

44	História de Dois Mundos	John MacDonald	Planet of the Dreamers
45	O Décimo Planeta	C. H. Badet	La Dixième Planète
46	Os Marcianos Divertem-se	Fredric Brown	Martians, Go Home!
47	Salto no Tempo	Yves Dermèze	Via Velpa
48	Mundo de Vampiros	Richard Matheson	I Am Legend
49	Vuzz	P. A. Hourey	Vuzz
50	Os Mares de Vénus	Paul French	Lucky Starr and The Oceans
51	A Porta do Espaço	Adrien Sobra	Portes sur l'Inconnu
52	Atenção aos Robots!	Jean-Gaston Vandiel	Alerte aux Robots!
53	A Morte da Terra	J. H. Rosny Ainé	La Mort de la Terre
54	Regresso a Zero	Stefan Wul	Retour à "O"
55	Os Frutos Dourados do Sol	Ray Bradbury	The Golden Apples of the Sun
56	Pré-História do Futuro	Stefan Wul	Niourk
57	O Robot de Júpiter-9	Paul French	Lucky Starr and The Moons of Jupiter
58	A Rainha Rebelde	L. Sprague de Camp	Rogue Queen
59	Partida para o Espaço	C. M. Kornbluth	Takeoff
60	O Vagabundo das Estrelas	Stefan Wul	L'Orphelin de Perdide
61	A Superfície do Planeta	Daniel Drode	La Surface de la Planète
62	Rumo ao Universo	A. E. van Vogt	Destination: Universe
63	O Tempo das Estrelas	Robert Heinlein	Time for the Stars
64	O Mundo dos Draags	Stefan Wul	Oms en Série
65	Projectado no Futuro	Charles Eric Maine	Timeliner
66	Ortog	Kurt Steiner	Aux Armes d'Ortog
67	O Homem Que Vinha do Passado	Theodore Sturgeon	Venus Plus X
68	O Espaço Será Pequeno	Fredric Brown	Space On My Hands
69	Geração Galáctica	E. C. Tubb	Space Born
70	Ameaça dos Robots	Isaac Asimov	The Naked Sun
71	O Dia das Trífides	John Wyndham	The Day of the Triffids
72	Missão em Sidar	Stefan Wul	Rayons pour Sidar
73	Operação Vénus	Leonid Onochko	Sur la Planète Orange
74	Colónias no Espaço	E. C. Tubb	Aliens Dust
75	Plano 7	Mordecai Roshwald	Level 7
76	Degelo em 2157	Stefan Wul	La Peur Géante
77	A Aldeia dos Malditos	John Wyndham	The Midwich Cuckoos
78	Caminhavam como Homens	Clifford D. Simak	They Walked Like Men
79	A Máquina do Poder	Albert Higon	La Machine du Pouvoir
80	Cidadão do Universo	Francis Carsac	Pour Patrie l'Espace
81	O Signo do Cão	Jean Hougron	Le Signe du Chien
82	Emissários do Futuro	Gérard Klein	Le Temps n'a pas d'Odeur
83	O Satélite Sombrio	Jérôme Sériel	Le Satellite Sombre
84	A Nuvem Negra	Fred Hoyle	The Black Cloud
85	O Templo do Passado	Stefan Wul	Le Temple du Passé
86	Fundação e Império	Isaac Asimov	Foundation and Empire
87	A Astronave da Esperança	Edmund Cooper	Seed of Light
88	A Era dos Biocibs	Jimmy Guieu	L'Ère des Biocibs
89	Segunda Fundação	Isaac Asimov	Second Foundation
90	Armadilha em Zarkass	Stefan Wul	Piege sur Zarkass
91	A Guerra Contra o Rull	A. E. van Vogt	The War Against the Rull
92	Luta Intergaláctica	Edmond Hamilton	Outside the Universe
93	As Máquinas da Alegria	Ray Bradbury	The Machineries of Joy
94	S.O.S. Lua	Arthur C. Clarke	A Fall of Moondust
95	Náufragos da Lua	Arthur C. Clarke	A Fall of Moondust

96	2000: Ano de Terror	Charles Eric Maine	Crisis 2000
97	O Abismo de Chicago	Ray Bradbury	The Machineries of Joy - 2
98	Ameaça de Andrómeda	Fred Hoyle e J. Elliot	A For Andromeda
99	Os Amotinados do Polar Lion	Mordecai Roshwald	A Small Armageddon
100	Os Melhores Contos de Ficção Científica	Jules Verne e Outros	
101	Nova Ameaça de Andrómeda	Fred Hoyle e J. Elliot	Andromeda Breakthrough
102	A Guerra das Salamandras	Karel Capek	War With the Newts
103	Perdido no Espaço - 1	Martin Caidin	Marooned
104	Perdido no Espaço - 2	Martin Caidin	Marooned
105	Engenheiros Cósmicos	Clifford D. Simak	Cosmic Engineers
106	O Vírus Destruidor	Charles Eric Maine	The Darkest of Nights
107	O Império dos Mutantes	Stefan Wul	La Mort Vivante
108	A Cidade Fantástica	Ray Bradbury	Dandelion Wine
109	Cataclismo Solar	J. G. Ballard	The Drowned World
110	Estrelas Inimigas	Poul Anderson	Enemy Stars
111	Escala no Tempo	Robert Heinlein	The Door into Summer
112	As Flores Que Pensam	Clifford D. Simak	All Flesh is Grass
113	O Planeta da Utopia	Murray Leinster	The Duplicators
114	A Astronave Pirata	A. E. van Vogt	Rogue Ship
115	O Mundo de Cristal	J. G. Ballard	The Crystal World
116	A Batalha do Vácuo	Charles Eric Maine	High Vacuum
117	As Cidades Mortas	Clifford D. Simak	City
118	O Planeta Esquecido	Murray Leinster	Forgotten Planet
119	Revolta na Lua - 1	Robert Heinlein	The Moon is a Harsh Mistress
120	Revolta na Lua - 2	Robert Heinlein	The Moon is a Harsh Mistress
121	Vivos 20%	John Wyndham	Kraken Wakes
122	Bandeirantes Num Mundo Novo	Edmund Cooper	Transit
123	Deixemo-los no Céu	Clifford D. Simak	Why Call them Back from Heaven?
124	O Mundo Que Nos Espera - 1	Robert Heinlein	Farnham's Freehold
125	O Mundo Que Nos Espera - 2	Robert Heinlein	Farnham's Freehold
126	O Planeta dos Homens Alados	Poul Anderson	The War of the Wing Men
127	Colônia de Marte	A. E. van Vogt	The House That Stood Still
128	O Túnel do Tempo	Murray Leinster	Time Tunnel
129	Soldado no Espaço	Robert Heinlein	Starship Troopers
130	Império Submarino	Paul W. Fairman	City Under the Sea
131	Viajantes do Tempo	Clifford D. Simak	Time is the Simplest Thing
132	Revolta em 2100	Robert Heinlein	Revolt in 2100
133	Patrulha Interstelar	Edmond Hamilton	Crashing Suns
134	O Médico das Estrelas	Murray Leinster	The Mutant Weapon
135	A Última Fortaleza Terrestre	A. E. van Vogt	Earth's Last Fortress
136	Ave Marciana	Edmund Cooper	A Far Sunset
137	Os Filhos de Matusalém	Robert Heinlein	Methuselah's Children
138	A Máquina Divina - 1	Martin Caidin	The God Machine
139	A Máquina Divina - 2	Martin Caidin	The God Machine
140	Projecto: Animal	Charles Eric Maine	B.E.A.S.T.
141	Terra Insólita - 1	Clifford D. Simak	The Werewolf Principle
142	Terra Insólita - 2	Clifford D. Simak	The Werewolf Principle
143	Planeta Proibido	Murray Leinster	This World is Taboo
144	Homens Sem Mundo	Poul Anderson	No World of Their Own
145	Bomba H Sobre Los Angeles	Robert M. Williams	The Day They H-Bombed Los Angeles
146	Depois do Fim do Mundo	Poul Anderson	After Doomsday

147	Partida Sem Chegada	Lloyd Biggle, Jr.	All the Colors of Darkness
148	O Tempo dos Duendes	Clifford D. Simak	The Goblin Reservation
149	Mundo Alternante	Keith Laumer	Worlds of the Imperium
150	Sonho Mortal	E. C. Tubb	Death is a Dream
151	Missão Impossível	Frederik Pohl e Jack Williamson	The Reefs of Space
152	Piratas do Espaço	Murray Leinster	Pirates of Zen
153	A Guerra dos Deuses	A. E. van Vogt	Two Hundred Million A.D.
154	Vieram do Espaço	Keith Roberts	The Furies
155	Ultimato à Terra	Frederik Pohl e Jack Williamson	Starchild
156	Os Super-Homens	A. E. van Vogt	The Silkies
157	Plataforma Espacial	Murray Leinster	Unknown Danger
158	Utopia 14 - 1	Kurt Vonnegut, Jr.	Player's Piano
159	Utopia 14 - 2	Kurt Vonnegut, Jr.	Player's Piano
160	Sangue da Terra	Keith Laumer e Rosel George Brown	Earthblood
161	O Construtor de Universos	Philip José Farmer	The Maker of Universes
162	Areias de Marte	Arthur C. Clarke	Sands of Mars
163	Mundos Paralelos	Clifford D. Simak	Out of Their Minds
164	Loucura no Espaço	Murray Leinster	Doctor to the Stars
165	O Caos Suicida	Edmund Cooper	All Fool's Day
166	Segredo Interstelar	Alexei Panshin	Star Well
167	Estrela Errante	Frederik Pohl e Jack Williamson	Rogue Star
168	A Guerra dos Fantasmas	Lloyd Biggle, Jr.	The Angry Espers
169	Um Cântico Para Leibowitz - 1	Walter Miller, Jr.	A Canticle for Leibowitz
170	Um Cântico Para Leibowitz - 2	Walter Miller, Jr.	A Canticle for Leibowitz
171	Um Cântico Para Leibowitz - 3	Walter Miller, Jr.	A Canticle for Leibowitz
172	Quando os Marcianos Vieram	Edmund Cooper	The Last Continent
173	A Sete Degraus do Sol	Fred e Geoffrey Hoyle	Seven Steps to the Sun
174	Trombetas da Revolução	Lloyd Biggle, Jr.	The Still, Small Voice of Trumpets
175	O Mundo do Abismo	James White	The Watch Below
176	O Outro Lado do Espaço	Fred Hoyle	Ossian's Ride
177	Os Filhos do Futuro - 1	A. E. van Vogt	Children of Tomorrow
178	Os Filhos do Futuro - 2	A. E. van Vogt	Children of Tomorrow
179	O Dia Em Que O Sol Desapareceu	Frederik Pohl e Cyril Kornbluth	Wolfbane
180	A Terra dos Sonhos Felizes	John Brunner	The Dreaming Earth
181	Prisão Aberta	James White	Open Prison
182	Estrada da Glória - 1	Robert Heinlein	Glory Road
183	Estrada da Glória - 2	Robert Heinlein	Glory Road
184	O Deus Impassível	Clifford D. Simak	A Choice of Gods
185	Batalha Amarga	Frederik Pohl	Drunkard's Walk
186	Planeta Neutral	Poul Anderson	Mayday Orbit
187	O Terceiro Ouvido	Curt Siodmak	The Third Ear
188	Os Mercadores do Espaço	Frederik Pohl e C.M. Kornbluth	The Space Merchants
189	Busca nos Céus	Frederik Pohl e C.M. Kornbluth	Search the Sky
190	Agência de Mágicos	Robert A. Heinlein	Waldo and Magic, Inc.
191	Juventude Eterna	E. C. Tubb	S.T.A.R. Flight
192	O Homem que Pintava as Estrelas	Lan Wright	The Pictures of Pavanne
193	Depois da Derrocada	Philip E. High	These Savage Futurians
194	Ninguém Morre Neste Mundo	Frederik Pohl	The Age of the Pussyfoot
195	O Ponto Ômega	George Zebrowski	The Omega Point

196	A Invasão dos Insectos	Ray Cummings	The Insect Invasion
197	As Horas de Iraz	L. Sprague de Camp	The Clocks of Iraz
198	A Luz das Estrelas	Theodore Sturgeon	Starshine
199	A Última Arma	Algis Budrys	The Falling Torch
200	As Máquinas da Destruição	Fred Saberhagen	Berserker
201	Irmão Assassino	Fred Saberhagen	Brother Assassin
202	O Mundo dos Homens Perfeitos	John Brunner	Entry to Elsewhen
203	Silêncio no Espaço	John Rackam	Earthstrings
204	Mundo Aquático	Hal Clement	Ocean on Top
205	Os Dramaturgos de Yan	John Brunner	The Dramaturges of Yan
206	O Mundo dos Túmulos	Clifford D. Simak	Cemetery World
207	A Máquina de Governar	Philip K. Dick	Vulcan's Hammer
208	O Amanhã Está Muito Longe	James White	Tomorrow Is Too Far
209	Gladiador da Lei	Frederik Pohl e C.M. Kornbluth	Gladiator-at-Law
210	Os Filhos dos Nossos Filhos	Clifford D. Simak	Our Children's Children
211	Entre Planetas	Robert A. Heinlein	Between Planets
212	Corrupção nas Galáxias	Keith Laumer	Envoy to New Worlds
213	Os Homens das Estrelas	Stuart J. Byrne	Starmen
214	Hospital no Espaço	James White	Hospital Station
215	Mundo Sem Tempo	Charles Eric Maine	The Random Factor
216	Três Mundos e Um Médico	Murray Leinster	S.O.S. From Three Worlds
217	Um Estranho Numa Terra Estranha - 1	Robert A. Heinlein	Stranger in a Strange Land
218	Um Estranho Numa Terra Estranha - 2	Robert A. Heinlein	Stranger in a Strange Land
219	Um Estranho Numa Terra Estranha - 3	Robert A. Heinlein	Stranger in a Strange Land
220	Médico Espacial	James White	Star Surgeon
221	Eclipse Total	John Brunner	Total Eclipse
222	A Cidade do Céu	Curt Siodmak	City in the Sky
223	A Grande Operação	James White	Major Operation
224	A Árvore Sagrada	Ray Bradbury	The Halloween Tree
225	Em Busca do Futuro	A. E. van Vogt	Quest for the Future
226	Os Manipuladores	Robert A. Heinlein	The Puppet Masters
227	O Outro Lado do Tempo	Clifford D. Simak	Enchanted Pilgrimage
228	As Luzes do Céu São Estrelas	Fredric Brown	The Lights in the Sky Are Stars
229	A Batalha da Eternidade	A. E. van Vogt	The Battle of Forever
230	Passaporte para o Eterno	J.G. Ballard	Passport to Eternity
231	Os Possuídos	Frederik Pohl	A Plague of Pythons
232	O Vale da Criação	Edmond Hamilton	The Valley of Creation
233	O Homem Que Via o Futuro	Clifford D. Simak	So Bright the Vision
234	O Homem dos Mil Nomes	A. E. van Vogt	The Man With a Thousand Names
235	O Erro do Tempo	John Brunner	The Wrong End of Time
236	Equipagem Espacial	Robert A. Heinlein	Have Space Suit, Will Travel
237	Regresso aos Céus	Edmond Hamilton	Return to the Stars
238	A Cratera da Morte	Clifford D. Simak	The Trouble with Tycho
239	A Sexta Parte do Mundo	Arthur C. Clarke	The Deep Range
240	Os Permutadores de Mundos	John Brunner	The World Swappers
241	Tigre! Tigre!	Alfred Bester	Tiger! Tiger!
242	O Planeta de Shakespeare	Clifford D. Simak	Shakespeare's Planet
243	A História do Futuro - 1	Robert A. Heinlein	Time Enough for Love
244	A História do Futuro - 2	Robert A. Heinlein	Time Enough for Love
245	A História do Futuro - 3	Robert A. Heinlein	Time Enough for Love
246	O País de Outubro	Ray Bradbury	The October Country

247	Super-Cérebro	A. E. van Vogt	Supermind
248	Apocalipse 2000	Guy Snyder	Testament XXI
249	Exilados da Terra	Ben Bova	Exiled from Earth
250	Para Além do Futuro	C.M. Kornbluth	The Best S.F. Stories of C.M. Kornbluth
251	Os Napoleões das Estrelas	Pierre Barbet	The Napoleons of Eridanus
252	Os Abismos do Espaço	Fred Hoyle e Geoffrey Hoyle	Into Deepest Space
253	O Colosso Anarquista	A. E. van Vogt	The Anarchistic Colossus
254	As Vozes de Marte	Ray Bradbury	I Sing the Body Electric
255	Salvamento no Espaço	Cleve Cartmill	The Space Scavengers
256	Trevas nas Estrelas	Edmond Hamilton	The Haunted Stars
257	O Tempo do Impossível	John D. MacDonald	Ballroom of the Skies
258	Os Cruzados do Espaço	Pierre Barbet	Baphomet's Meteor
259	Triplanetária	E.E. "Doc" Smith	Triplanetary
260	A Última Cidade de Marte	Ray Bradbury	I Sing the Body Electric
261	Exploradores do Infinito	Ray Cummings	Explorers into Infinity
262	Os Herdeiros das Estrelas	Clifford D. Simak	A Heritage of Stars
263	Mundo Sem Morte	Philip José Farmer	To Your Scattered Bodies Go
264	A Nave Invencível	Stanislaw Lem	The Invincible
265	O Planeta Secreto	E.E. "Doc" Smith	First Lensman
266	Acidente Nuclear	Lester Del Rey	Nerves
267	O Tempo dos Mastodontes	Clifford D. Simak	Mastodonia
268	Viagem Para Além da Morte	Philip José Farmer	The Fabulous Riverboat
269	Cidadão da Galáxia	Robert A. Heinlein	Citizen of the Galaxy
270	Patrulha Galáctica	E.E. "Doc" Smith	Galactic Patrol
271	O Tempo da Magia	Randall Garrett	Too Many Magicians
272	Desígnio Negro - 1	Philip José Farmer	Dark Design
273	Desígnio Negro - 2	Philip José Farmer	Dark Design
274	A Irmandade do Talismã	Clifford D. Simak	The Fellowship of the Talisman
275	Heróis Galácticos	E.E. "Doc" Smith	Gray Lensman
276	O Feiticeiro de Terramar	Ursula K. Le Guin	A Wizard of Earthsea
277	O Planeta dos Deuses	Isaac Asimov	The Gods Themselves
278	A Revolta das Máquinas - 1	Clifford D. Simak	Skirmish
279	A Revolta das Máquinas - 2	Clifford D. Simak	Skirmish
280	A Teia do Tempo	Michael Kurland	The Unicorn Girl
281	Terra Imperial -1	Arthur C. Clarke	Imperial Earth
282	Terra Imperial -2	Arthur C. Clarke	Imperial Earth
283	O Dia em que o Tempo Parou	Philip José Farmer	The Day of Timestop
284	Os Túmulos de Atuan	Ursula K. Le Guin	The Tombs of Atuan
285	A Última Revolta da Terra	A. E. van Vogt	Renaissance
286	Os Visitantes - 1	Clifford D. Simak	The Visitors
287	Os Visitantes - 2	Clifford D. Simak	The Visitors
288	A Lei do Espaço	E. E. «Doc» Smith	Second Stage Lensmen
289	O Labirinto Mágico - 1	Philip José Farmer	The Magic Labyrinth
290	O Labirinto Mágico - 2	Philip José Farmer	The Magic Labyrinth
291	O Labirinto Mágico - 3	Philip José Farmer	The Magic Labyrinth
292	Os Jogos do Capricórnio	Robert Silverberg	The Capricorn Games
293	O Outro Lado do Mundo	Ursula K. Le Guin	The Farthest Shore
294	O Número do Monstro - 1	Robert Heinlein	The Number of the Beast
295	O Número do Monstro - 2	Robert Heinlein	The Number of the Beast
296	O Número do Monstro - 3	Robert Heinlein	The Number of the Beast
297	O Planeta dos Dragões - 1	Anne McCaffrey	Dragonflight

298	O Planeta dos Dragões - 2	Anne McCaffrey	Dragonflight
299	O Planeta dos Dragões - 3	Anne McCaffrey	Dragonflight
300	O Mistério de Valis - 1	Philip K. Dick	Valis
301	O Mistério de Valis - 2	Philip K. Dick	Valis
302	Os Filhos do Cosmos	E. E. «Doc» Smith	Children of the Lens
303	O Mundo do Trono	Gordon R. Dickson	Wolfling
304	Longe da Terra	Marion Zimmer Bradley	Survey Ship
305	O Deus da Fúria	Philip K. Dick e Roger Zelazny	Dies Irae
306	A Solução de Ceres	Bob Shaw	The Ceres Solution
307	Prisioneiros do Poder - 1	Arkady e Boris Strugatsky	Prisoners of Power
308	Prisioneiros do Poder - 2	Arkady e Boris Strugatsky	Prisoners of Power
309	Depois da Bomba	Philip K. Dick	Dr. Bloodmoney, or How We Got Along After the Bomb
310	O Homem Sem Rosto	Jack Vance	The Anome
311	Projecto Papa - 1	Clifford D. Simak	Project Pope
312	Projecto Papa - 2	Clifford D. Simak	Project Pope
313	Os Senhores do Vórtice	E. E. «Doc» Smith	Masters of the Vortex
314	O Dragão Branco - 1	Anne McCaffrey	The White Dragon
315	O Dragão Branco - 2	Anne McCaffrey	The White Dragon
316	O Homem Duplo	Philip K. Dick	A Scanner Darkly
317	Rendez-Vous Com Rama	Arthur C. Clarke	Rendezvous With Rama
318	Amor no Cosmos	Philip José Farmer	The Lovers
319	Explusos da Terra	Ursula Le Guin	The Eye of the Heron
320	Mensagens do Futuro	Antologia	
321	A Conquista de Marte - 1	William Rollo	The Olympus Gambit
322	A Conquista de Marte - 2	William Rollo	The Olympus Gambit
323	O Mundo do Caos	Clifford D. Simak	Special Deliverance
324	Espião Interstelar	Poul Anderson	Ensign Flandry
325	A Conquista das Estrelas - 1	James P. Hogan	Voyage From Yesteryear
326	A Conquista das Estrelas - 2	James P. Hogan	Voyage From Yesteryear
327	O Que Será o Futuro?	Antologia	The Future in Question
328	A Invasão Divina	Philip K. Dick	The Divine Invasion
329	Detective Galáctico	Jack Vance	Galactic Effectuator
330	Pesadelo Cósmico	Bob Shaw	Dagger of the Mind
331	Muito Depois da Meia-Noite - 1	Ray Bradbury	Long After Midnight
332	Muito Depois da Meia-Noite - 2	Ray Bradbury	Long After Midnight
333	Nave-Mundo	Brian Aldiss	Non-Stop
334	Os Dias Futuros	Arthur C. Clarke	The Best of Arthur C. Clarke
335	O Senhor das Estrelas	Robert Sheckley	Dramocles
336	O Homem Mais Importante do Mundo	Philip K. Dick	Time Out of Joint
337	Os Caçadores do Espaço	E. E. «Doc» Smith	Spacehounds of IPC
338	Onde Mora o Mal	Clifford D. Simak	Where Evil Dwells
339	Tempo de Mudança	Robert Silverberg	A Time of Change
340	Regresso ao Mundo do Rio - 1	Philip José Farmer	Gods of Riverworld
341	Regresso ao Mundo do Rio - 2	Philip José Farmer	Gods of Riverworld
342	A Arma Impossível	Philip K. Dick	The Zap Gun
343	Universos Paralelos	Philip José Farmer	Two Hawks From Earth
344	A Máquina da Paz	Bob Shaw	The Peace Machine
345	A Mais Bela da Lua	Larry Niven	The Patchwork Girl
346	O Beco dos Malditos	Roger Zelazny	Damnation Alley
347	Moreta de Pern - 1	Anne McCaffrey	Moreta, Dragonlady of Pern

348	Moreta de Pern - 2	Anne McCaffrey	Moreta, Dragonlady of Pern
349	O Mundo Perdido	Sir Arthur Conan Doyle	The Lost World
350	O Homem Que Via o Futuro	James Blish	Jack of Eagles
351	O Prado dos Duendes - 1	Paul Cook	Duende Meadow
352	O Prado dos Duendes - 2	Paul Cook	Duende Meadow
353	Bill, O Herói Galáctico	Harry Harrison	Bill, The Galactic Hero
354	A Outra Ilha do Dr. Moreau	Brian Aldiss	Moreau's Other Island
355	A Porta das Estrelas - 1	Frederik Pohl	Gateway
356	A Porta das Estrelas - 2	Frederik Pohl	Gateway
357	O Dia Em Que a Terra Gritou	Sir Arthur Conan Doyle	The Poison Belt
358	Quando Os Computadores Conquistaram o Mundo	A. E. van Vogt	Computerworld
359	A Estrada da Eternidade - 1	Clifford D. Simak	Highway of Eternity
359-A	A Estrada da Eternidade - 2	Clifford D. Simak	Highway of Eternity
360	Nas Nossas Mãos As Estrelas	Harry Harrison	In Our Hands the Stars
361	A Luz e as Trevas	L. Sprague de Camp	Lest Darkness Fall
362	O Planeta Fantasma	Bob Shaw	A Wreath of Stars
363	As Linguagens de Pao	Jack Vance	The Languages of Pao
364	A Hora da Inteligência	Poul Anderson	Brain Wave
365	Para Além do Acontecer - 1	Frederik Pohl	Beyond the Blue Event Horizon
366	Para Além do Acontecer - 2	Frederik Pohl	Beyond the Blue Event Horizon
367	Null-A Três	A. E. van Vogt	Null-A Three
368	Mundos Sem Fim	Clifford D. Simak	Worlds Without End
369	Frankenstein Libertado	Brian Aldiss	Frankenstein Unbound
370	O Mundo de Rocannon	Ursula Le Guin	Rocannon's World
371	Tintagel	Paul Cook	Tintagel
372	A Praga do Espaço	Harry Harrison	Plague From Space
373	O Mistério de Mercúrio	Bob Shaw	Fire Pattern
374	Agente de Bizâncio - 1	Harry Turtledove	Agent of Byzantium
375	Agente de Bizâncio - 2	Harry Turtledove	Agent of Byzantium
376	Reflexos do Futuro	Bruce Sterling	Mirrorshades
377	Mensagens do Futuro	James P. Hogan	Thrice upon a Time
378	Encontro Com os Heechee	Frederik Pohl	Heechee Rendezvous
379	O Gato Que Atravessa As Paredes - 1	Robert Heinlein	The Cat That Walks Through Walls
380	O Gato Que Atravessa As Paredes - 2	Robert Heinlein	The Cat That Walks Through Walls
381	Anticorpos	David J. Skal	Antibodies
382	Quando O Céu Caiu	John Barnes	The Man That Pulled Down the Sky
383	Planeta do Exílio	Ursula Le Guin	Planet of Exile
384	Dorsai	Gordon R. Dickson	Dorsai
385	Os Anais dos Heechee	Frederik Pohl	The Annals of the Heechee
386	Roderick	John Sladek	Roderick
387	A Máquina Preservadora - 1	Philip K. Dick	The Preserving Machine
388	Os Olhos de Heisenberg	Frank Herbert	The Eyes of Heisenberg
389	Os Dorsai Perdidos	Gordon R. Dickson	Lost Dorsai
390	A Máquina Preservadora - 2	Philip K. Dick	The Preserving Machine
391	A Cidade das Ilusões	Ursula Le Guin	City of Illusions
392	Metrófago - 1	Richard Kadrey	Metrophage
393	Metrófago - 2	Richard Kadrey	Metrophage
394	Pêndulo	A. E. van Vogt	Pendulum
395	A Nave das Sombras	Antologia	The Hugo Winners 1977
396	Missão Espacial	Chris Claremont	First Flight

397	A Torre de Cristal	Robert Silverberg	Tower of Glass
398	Mistérios do Futuro	John E. Stith	Deep Quarry
399	O Pé do Diabo	Sir Arthur Conan Doyle	The Best Science Fiction of Arthur Conan Doyle
400	O Homem Eterno - 1	Gordon R. Dickson	The Forever Man
401	O Homem Eterno - 2	Gordon R. Dickson	The Forever Man
402	O Dia Depois do Juízo Final	James Blish	The Day After Judgement
403	Vozes do Futuro	Isaac Asimov	Tomorrow's Voices
404	O Mundo de Midas - 1	Frederik Pohl	Midas World
405	O Mundo de Midas - 2	Frederik Pohl	Midas World
406	Necromante	Gordon R. Dickson	Necromancer
407	Missão de Vingança	A. Bertram Chandler	The Road to the Rim
408	Os Balonautas - 1	Bob Shaw	The Ragged Astronauts
409	Os Balonautas - 2	Bob Shaw	The Ragged Astronauts
410	Essas Estrelas São Nossas	Poul Anderson	We Claim These Stars
411	Bugs	John Sladek	Bugs
412	Mundo-Nosso	Harry Harrison	Homeworld
413	Soldado da Terra - 1	Gordon R. Dickson	Soldier, Ask Not
414	Soldado da Terra - 2	Gordon R. Dickson	Soldier, Ask Not
415	O Tempo, o Espaço e o Cérebro	Fritz Leiber	The Big Time
416	Os Negros Anos Luz	Brian Aldiss	The Dark Light Years
417	Cemitério de Lunáticos - 1	Ray Bradbury	A Graveyard for Lunatics
418	Cemitério de Lunáticos - 2	Ray Bradbury	A Graveyard for Lunatics
419	Há Mais Coisas No Céu	John Brunner	More Things in Heaven
420	Desvio Para o Vermelho - 1	John E. Stith	Redshift Rendezvous
421	Desvio Para o Vermelho - 2	John E. Stith	Redshift Rendezvous
422	O Espírito de Dorsai	Gordon R. Dickson	The Spirit of Dorsai
423	Viagem Pelos Universos	James Blish	Anywhen
424	Imortalidade e C ^a	Robert Sheckley	Immortality, Inc.
425	O Mundo Perdido No Fundo Do Mar	Sir Arthur Conan Doyle	The Maracot Deep
426	Estrela Caída	James Blish	Fallen Star
427	O Homem do Castelo Alto - 1	Philip K. Dick	The Man in the High Castle
428	O Homem do Castelo Alto - 2	Philip K. Dick	The Man in the High Castle
429	A Chegada dos Terrenos	Leigh Brackett	The Coming of the Terrans
430	O Mundo dos Anjos	S. N. Lewitt	Angel at Apogee
431	O Senhor dos Sonhos	Roger Zelazny	The Dream Master
432	O Correio do Tempo	Robert Silverberg	Up the Line
433	Páscoa Negra	James Blish	Black Easter
434	Táticas de Engano - 1	Gordon R. Dickson	Tactics of Mistake
435	Táticas de Engano - 2	Gordon R. Dickson	Tactics of Mistake
436	O Tempo dos Simulacros	Philip K. Dick	The Simulacra
437	Traidor Aos Vivos	Philip José Farmer	Traitor to the Living
438	O Xadrez do Tempo	James Blish	The Quincunx of Time
439	As Naves de Madeira - 1	Bob Shaw	The Wooden Spaceships
440	As Naves de Madeira - 2	Bob Shaw	The Wooden Spaceships
441	Os Jogadores de Titã	Philip K. Dick	The Game Players of Titan
442	Mundo Adormecido	Gordon R. Dickson	Sleepwalkers' World
443	Doutor Mirabilis - 1	James Blish	Doctor Mirabilis
444	Doutor Mirabilis - 2	James Blish	Doctor Mirabilis
445	Um Demônio no Cérebro	Frederik Pohl	Demon in the Skull
446	O Universo de Morton	A. E. van Vogt	The Universe Maker
447	Os Mundos Fugitivos - 1	Bob Shaw	The Fugitive Worlds

448	Os Mundos Fugitivos - 2	Bob Shaw	The Fugitive Worlds
449	Contos Galácticos	James Blish	Galactic Clusters
450	A Incrível Invasão	Lester Del Rey	Siege Perilous
451	Roderick à Solta - 1	John Sladek	Roderick at Random
452	Roderick à Solta - 2	John Sladek	Roderick at Random
453	Dare, A Colônia Perdida	Philip José Farmer	Dare
454	A Era das Aves	James Blish	The Midsummer Century
455	Tempos Duros - 1	C.J. Cherryh	Hard Times
456	Tempos Duros - 2	C.J. Cherryh	Hard Times
457	Outros Dias, Outros Olhos	Bob Shaw	Other Days, Other Eyes
458	A Canção dos Dragões	Anne McCaffrey	Dragonson
459	Os Cantores do Tempo - 1	Frederik Pohl	The Singers of Time
460	Os Cantores do Tempo - 2	Frederik Pohl	The Singers of Time
461	O Fogo e a Noite	Philip José Farmer	Fire and the Night
462	As Estrelas como Palco	James Blish	And All The Stars a Stage
463	Os Últimos Dias da Terra - 1	Brian Aldiss	Hothouse
464	Os Últimos Dias da Terra - 2	Brian Aldiss	Hothouse
465	As Luzes do Espaço	Bob Shaw	Night Walk
466	Ilhas no Céu	Arthur C. Clarke	Islands in the Sky
467	A Cantora dos Dragões - 1	Anne McCaffrey	Dragon Singer
468	A Cantora dos Dragões - 2	Anne McCaffrey	Dragon Singer
469	As Vozes do Céu - 1	Frederik Pohl	The Voices of Heaven
470	As Vozes do Céu - 2	Frederik Pohl	The Voices of Heaven
471	Batalha no Cosmos	Gordon R. Dickson	Naked to the Stars
472	Fora de Jogo	Isidore Haiblum	Out of Sync
473	Estranhos Inimigos - 1	Robert Asprin	The Bug Wars
474	Estranhos Inimigos - 2	Robert Asprin	The Bug Wars
475	Além do Inferno	Philip José Farmer	Inside - Outside
476	Os Tambores dos Dragões	Anne McCaffrey	Dragondrums
477	A Vinda do Futuro	Edmond Cooper	Tomorrow Came
478	A Boneca do Destino - 1	Clifford D. Simak	Destiny Doll
479	A Boneca do Destino - 2	Clifford D. Simak	Destiny Doll
480	Renascimento	Brian Aldiss	Earthworks
481	Para Além da Porta das Estrelas - 1	Frederik Pohl	The Gateway Trip
482	Para Além da Porta das Estrelas - 2	Frederik Pohl	The Gateway Trip
483	As Estrelas São dos Homens	James Blish	They Shall Have Stars
484	Os Mutantes Vêm Aí! - 1	Isidore Haiblum	The Mutants Are Coming
485	Os Mutantes Vêm Aí! - 2	Isidore Haiblum	The Mutants Are Coming
486	Vivendo no Céu	James Blish	A Life for the Stars
487	Crônicas do Fim do Mundo	Poul Anderson	The Horn of Time
488	A Terra é Uma Ideia Boa - 1	James Blish	Earthman, Come Home
489	A Terra é Uma Ideia Boa - 2	James Blish	Earthman, Come Home
490	A Árvore da Saliva	Brian Aldiss	The Saliva Tree
491	O Triunfo do Tempo	James Blish	The Triumph of Time
492	No Oceano da Noite - 1	Gregory Benford	In the Ocean of Night
493	No Oceano da Noite - 2	Gregory Benford	In the Ocean of Night
494	Os Cavalos da Noite - 1	C. J. Cherryh	Cloud's Rider
495	Os Cavalos da Noite - 2	C. J. Cherryh	Cloud's Rider
496	Além do Mar dos Sóis - 1	Gregory Benford	Across the Sea of Suns
497	Além do Mar dos Sóis - 2	Gregory Benford	Across the Sea of Suns
498	O Enigma de Malacia - 1	Brian Aldiss	The Malacia Tapestry
499	O Enigma de Malacia - 2	Brian Aldiss	The Malacia Tapestry

500	Ó Pioneiro!	Frederik Pohl	Ó Pioneer!
501	A História de Nelrika	Anne McCaffrey	Story of Nelrika
502	Passagem para o Passado - 1	Isidore Haiblum	Transfer to Yesterday
503	Passagem para o Passado - 2	Isidore Haiblum	Transfer to Yesterday
504	A Companhia de Phule - 1	Robert Asprin	Phule's Company
505	A Companhia de Phule - 2	Robert Asprin	Phule's Company
506	Criptozóico	Brian Aldiss	Cryptozoic!
507	As Trevas Além das Estrelas - 1	Frank M. Robinson	The Dark Beyond the Stars
508	As Trevas Além das Estrelas - 2	Frank M. Robinson	The Dark Beyond the Stars
509	Conduzindo às Cegas	Ray Bradbury	Driving Blind
510	O Paraíso de Phule - 1	Robert Asprin	Phule's Paradise
511	O Paraíso de Phule - 2	Robert Asprin	Phule's Paradise
512	Rota de Colisão	Robert Silverberg	Course
513	O Planeta das Virgens	Poul Anderson	Virgin Planet
514	O Homem Duplicado	James Blish e Robert Lowndes	The Duplicated Man
515	O Mundo de Amanhã	Hunt Collins	Tomorrow's World
516	A Conquista da Imortalidade	Robert Sheckley	Immortality Delivered
517	O Exílio do Tempo	Ray Cummings	The Exile of Time
518	Cidade na Lua	Murray Leinster	City on the Moon
519	O Espaço Exterior	A. Bertram Chandler	The Rim of Space
520	Os Caminhos das Estrelas	Poul Anderson	Star Ways
521	Nove Príncipes em Âmbar	Roger Zelazny	Nine Princes in Amber
522	Uma Coisa do Outro Mundo	Murray Leinster	Out of This World
523	A Porta da Montanha do Fogo	C.J. Cherryh	The Gate of Ivrel
524	Inteligência Artificial	Brian Aldiss	Super-Toys Last All Summer Long
525	O Poço de Shiuan - 1	C.J. Cherryh	Well of Shiuan
526	O Poço de Shiuan - 2	C.J. Cherryh	Well of Shiuan
527	As Armas de Avalon	Roger Zelazny	The Guns of Avalon
528	As Labaredas de Azeroth - 1	C.J. Cherryh	Fires of Azeroth
529	As Labaredas de Azeroth - 2	C.J. Cherryh	Fires of Azeroth
530	A Reinvenção dos Dragões - 1	Anne McCaffrey	Dragonsdawn
531	A Reinvenção dos Dragões - 2	Anne McCaffrey	Dragonsdawn
532	Estrelas Semeadas	James Blish	The Seedling Stars
533	Os Renegados de Pern - 1	Anne McCaffrey	The Renegades of Pern
534	Os Renegados de Pern - 2	Anne McCaffrey	The Renegades of Pern
535	Fumos de Sonho - 1	Tricia Sullivan	Dreaming in Smoke
536	Fumos de Sonho - 2	Tricia Sullivan	Dreaming in Smoke
537	Uma Nova Esperança em Pern - 1	Anne McCaffrey	All the Weyrs of Pern
538	Uma Nova Esperança em Pern - 2	Anne McCaffrey	All the Weyrs of Pern
539	Renascer - 1	Maureen F. McHugh	Mission Child
540	Renascer - 2	Maureen F. McHugh	Mission Child
541	Os Trunfos do Mal	Roger Zelazny	Trumps of Doom
542	O Castelo de Lorde Valentine - 1	Robert Silverberg	Lord Valentine's Castle
543	O Castelo de Lorde Valentine - 2	Robert Silverberg	Lord Valentine's Castle
544	A Primavera de Helliconia - 1	Brian Aldiss	Helliconia Spring
545	A Primavera de Helliconia - 2	Brian Aldiss	Helliconia Spring
546	O Sinal do Unicórnio	Roger Zelazny	Sign of the Unicorn
547	O Verão de Helliconia - 1	Brian Aldiss	Helliconia Summer
548	O Verão de Helliconia - 2	Brian Aldiss	Helliconia Summer
549	O Inverno de Helliconia - 1	Brian Aldiss	Helliconia Winter
550	O Inverno de Helliconia - 2	Brian Aldiss	Helliconia Winter